

# **Luta & Organização**

**Processo de Construção Anarquista Brasileiro  
PCAB 1996**

**Documento  
histórico  
comemorativo  
dos 20 anos do  
anarquismo  
organizado  
no Brasil**

*Projeto de capa*

FAG

*Impressão*

Editora Deriva

*Edição*

FAG / Comissão de Publicações

*Sobre a publicação*

Este material é uma reedição de documento escrito a várias mãos por militantes do Processo de Construção Anarquista Brasileiro por ocasião das comemorações dos 20 anos que se cumprem da experiência recente de organização política do anarquismo no Brasil, da qual a FAG é uma de suas expressões. É livre a sua reprodução.

**Editora Deriva**

deriva.com.br

**Coordenação Anarquista Brasileira**

anarquismo.noblogs.org

**Federação Anarquista Gaúcha**

federacaoanarquistagaucha.org

Impresso em setembro de 2015.

Edição comemorativa.

Porto Alegre, RS, Brasil.



---

*Nosso anarquismo é essencialmente combativo-coletivo-organizado--militante e popular. Para nós, a militância anarquista tem de estar profundamente inserta e identificada com o meio onde vive. O compromisso nos leva a dedicar tempo e esforço de nossas vidas pessoais, acreditando que uma organização política é também uma escola de vida e que o ser humano vive e se liberta lutando em coletivo contra seus opressores.*

---

# Sumário

Prefácio.....	5
Apresentação.....	8
Princípios e propostas anarquistas.....	9
Introdução.....	10
Um pouco de nossa história.....	23
A história que fazemos todos os dias.....	38
Os tempos que vivemos.....	40
O que fazer.....	46
Introdução ao método do grupo-orgânico.....	48

## Prefácio:

Já se passaram 19 anos desde o lançamento deste documento que agora reeditamos. Quase duas décadas de reconstrução do anarquismo militante em terras brasileiras e a oportunidade de podermos visitar esse documento à luz de uma trajetória anarquista militante que permanece viva! Trata-se de uma época que não volta mais e que podemos conhecer apenas pela memória e histórias de quem nela viveu e pelos registros que as mulheres e homens daquele período tiveram a preocupação de nos deixar.

Luta e Organização é o registro de um tempo. Tempo de buscas, de angústias, de encontros e desencontros em meio a caminhos que eram percorridos na ânsia de construir respostas para perguntas que uma determinada época fez aos que tinham como objetivo retomar o vetor social do anarquismo, ou seja, reconstruir um anarquismo militante radicado no seio das lutas e organização de nosso povo explorado e oprimido. Trata-se, como diz o próprio documento, de um manifesto que resume “*muitos sentimentos e compromissos dos anarquistas brasileiros*”. E que compromisso é esse de resgatar princípios e práticas centenárias que por força de circunstâncias históricas a nossa geração conheceu apenas por livros e não encarnadas em práticas militantes. É conhecida a história de que o anarquismo no Brasil perde sua força no movimento operário num período que mais ou menos podemos situar entre os anos 20 e 40 do século XX e sobrevive praticamente como ideia e discurso intelectual e filosófico no seio de círculos de estudo e centros de cultura. Aqui não se trata de desmerecimento ou de fazer tabula rasa de processos históricos que se sucederam de maneiras distintas a depender da região, mas de fazer uma constatação a partir da visão que fazemos de um anarquismo revolucionário e inserido nas lutas sociais de nosso povo tal como é o nosso projeto. De um modo geral, nossa geração foi órfã das experiências militantes de gerações mais antigas e experimentadas na luta de classes e tratou de buscar referências em países vizinhos, como foi o caso do anarquismo militante de toda uma geração de uruguaios que

mantive viva e ativa, durante todo o século XX, a semente libertária encarnada em métodos, ações, propostas e experiências organizativas e de luta social.

Foi a fecunda relação entre a militância da Federação Anarquista Uruguiaia (fAu) e a geração dos jovens ativistas libertários brasileiros do final dos anos 80 e início dos 90 que inspirou a adoção da perspectiva especificista de construção de organizações políticas anarquistas e preparou terreno para as primeiras iniciativas de formação de uma Organização Política Anarquista a nível Nacional, do qual o presente documento é uma referência. Seu conteúdo não deixa margem para dúvidas quanto a seus propósitos:

*Esperamos poder contribuir para o avanço do anarquismo no Brasil e na América Latina. Fazendo sempre de nossa ideologia e organizações, instrumentos e ferramentas dos povos deste continente em luta. Gostaríamos também que este documento possa influenciar trabalhos concretos de nossa militância junto aos Movimentos Populares. Para a caminhada do povo em luta é que existem os anarquistas. Para percorrer este caminho é porque estamos na Construção Anarquista Brasileira. Vamos à ela, porque temos muito para construir.*

Nesse sentido, o **Luta e Organização** procurou resgatar e reafirmar um tronco de princípios e propostas anarquistas sem, no entanto, se restringir a eles. Sem renunciar ao histórico espírito Internacionalista dos anarquistas que na organização internacional dos trabalhadores não reconhecia e não reconhece fronteiras, procurou reconhecer “a noção, ideia e identificação para aquilo que se reconhece como Brasil.” Assim como reconhecer e reivindicar

*as diversidades entre os povos brasileiros e a dimensão continental que faz do país um sub-continente da América Brasileira. Igualmente nos entendemos latino-americanos, somos parte de um continente pleno de feridas, sangue e ainda esperanças. Os brasileiros são parte da América Latina, com todas as suas características e contradições. Neste pedaço do mundo, vivemos e lutamos. Ao contrário do que a elite brasileira tenta nos fazer acreditar, não somos um povo de falsos malandros, vagabundos e covardes. Desde as primeiras flechas e tacapes lançada contra os invasores, até a última foice e facção dos sem-terra viemos lutando por nossos destinos.*

Sua originalidade enquanto proposta reside também aí, no terreno do estudo e discussão sobre a nossa história enquanto povo, desde a invasão do território pelos portugueses, passando pelas experiências de luta e resistência até nossa formação social atual. É no interior dessa formação social brasileira, historicamente forjada, e no seio do nosso povo que a semente do anarquismo proposto pelo **Luta e Organização** foi plantada, germinou e continua germinando e sendo cultivada pelos que desde então tem dado continuidade a todo esse processo.

Por fim, **Luta e Organização** também sintetizou propostas organizativas e de ação que auxiliassem os anarquistas de então a erguer e consolidar Organizações Específicas em todo o território brasileiro à altura de nossos objetivos. O método do **Grupo-Orgânico** tinha esse objetivo e era nada mais que a sistematização de experiências organizativas históricas de nossa corrente ao longo de mais de 100 anos de ação partidária do anarquismo nas suas variantes históricas (Aliança, Partido Liberal Mexicano, Federação Anarquista Ibérica, Partido Anarquista Italiano, Federação Anarco Comunista Argentina, Federação Anarquista Uruguiaia, etc.)

O processo de construção anarquista brasileira (PCAB), já avaliado em outros textos como as “Mensagens e Adesões” contidas no caderno de **Documentos e Mensagens** do 1º Congresso da Coordenação Anarquista Brasileira (CAB), deixou vários frutos, aprendizados, experiências práticas que serviram e continuam servindo para uma reflexão sempre necessária sobre os desafios, tempos e tarefas demandados por uma construção da envergadura que é a de consolidar uma Organização Anarquista Federalista no imenso território-continente que é o Brasil.

Nesses 20 anos de Federação Anarquista Gaúcha, e não podemos deixar de dizer que são também 20 anos de construção anarquista nacional, nada mais justo do que resgatar um documento de extrema relevância para a nossa geração e para as gerações que virão, porque somos continuadores, a nossa modo e sob as condições que hoje nos toca atuar, daqueles que vierem antes de nós; e porque Memória é Luta e não podemos jamais deixar de lado os pedaços da rica história de nossa ideologia!

**Por mais 20, 30, 50, 100 anos a enraizar anarquismo!**

**Carregamos um mundo novo em nossos corações**

**e este mundo está nascendo neste instante!**

**Viva a FAG, Viva a CAB, Viva a Anarquia!**

## Apresentação

Este documento-manifesto político significa muito mais do que palavras e conceitos. Luta & Organização talvez seja uma versão resumida de muitos sentimentos e compromissos dos anarquistas brasileiros. Desde o início de nosso ressurgimento (em 1985) até agora, tivemos várias tentativas de colocar de forma simples e didática, nossa ideologia e os caminhos para onde apontamos, a quem quer que possa interessar. Esta é mais uma tentativa, apenas isso.

Ainda temos muito para caminhar mas é certo que já estamos na estrada que escolhemos. Por mais de uma década tentamos várias saídas para o anarquismo brasileiro. Pode ser que agora, com mais planejamento e capacidade militante, a coisa ande. Pode ser ou não, e só depende de nós mesmos.

A partir de janeiro de 1995 começaram nossas relações com a organização co-irmã Federação Anarquista Uruguaia (FAU). A princípio apenas fraternas, logo tornaram-se relações orgânicas. Algumas experiências e métodos, vivenciados por anarquistas latino-americanos como nós, nos foram passados, traduzidos e pouco a pouco vão se adequando às distintas realidades brasileiras. Tudo veio de encontro à uma proposta catalisadora do anarquismo militante-coletivo-organizado-combativo. Este documento é parte desta proposta.

Esperamos poder contribuir para o avanço do anarquismo no Brasil e na América Latina. Fazendo sempre de nossa ideologia e organizações, instrumentos e ferramentas dos povos deste continente em luta. Gostaríamos também que este documento possa influenciar trabalhos concretos de nossa militância junto aos Movimentos Populares. Para a caminhada do povo em luta é que existem os anarquistas. Para percorrer este caminho é porque estamos na Construção Anarquista Brasileira. Vamos à ela, porque temos muito para construir.

**pelo Socialismo & pela Liberdade**  
**VIVA À ANARQUIA !!!**

## **Princípios e propostas anarquistas**

Esta parte do trabalho tem como base a apostila para novos militantes brasileiros produzida pelo Grupo Semente Libertária, no Rio de Janeiro, em outubro de 1994.

Este material tem a intenção de sintetizar alguns princípios e propostas básicas do anarquismo em uma forma simples e direta.

Procuramos com isso ajudar a informar, realizar uma proposta adequada para os tempos que vivemos, e também afastar alguns estigmas negativos sobre o caráter de nossa ideologia.

Se trata então de um Manifesto militante e não de um estudo acadêmico-científico.

Procuramos também, que dentro do estilo do trabalho, o material contenha a profundidade necessária.

Concebemos os conceitos como ferramentas que nos permitem uma melhor leitura da realidade. Leitura essa que possibilita uma ação mais precisa e ajustada em nossa tarefa de ruptura e transformação social.

Por isso os princípios são para nós um valioso guia que nos dá uma orientação geral para as tarefas militantes de todos os dias.

## Introdução

A palavra ou conceito anarquia, em cada sociedade histórica concreta, é compreendida de acordo com a presença e o tipo de atividade que em nome da anarquia foi desenvolvida pelo anarquismo militante. Também se compreende anarquia a partir da distorção que sobre essa palavra realizaram alguns historiadores e veículos oficiais de comunicação. Em algumas sociedades latino-americanas, em determinados segmentos populares, existe uma referência social do anarquismo. Alguma coisa ficou na memória coletiva sobre o seu passado de luta. Mas somente onde a ideologia manteve uma continuidade histórica, com alguma presença no meio popular, há uma idéia adequada do nosso pensamento e propósitos.

Várias camadas e classes sociais tem procurado associar a palavra anarquia ao caos e a desordem. Mas a noção de bagunça total generalizada está muito longe do seu sentido original. A palavra ANARQUIA tem sua origem no idioma grego “anarckos” (“an” = não + “arckos” = poder).

Ou seja, anarquia significa sem poder, sem governo, sem autoridade, sem hierarquias.

Negando o princípio da autoridade-poder, os anarquistas lutam por uma futura organização de sociedades livres (autogestionárias), baseadas na solidariedade, na igualdade, na socialização política e na harmonia com o meio ambiente. Sociedades fundamentadas no socialismo - socialização dos meios materiais e intelectuais das decisões políticas. Isto implica a transformação da propriedade privada em propriedade comum, não havendo lugar para a exploração de nenhum ser humano, ao mesmo tempo produzindo novas formas de organização sócio-políticas e uma mudança nos valores, na ética e no comportamento.

Os anarquistas (ou ácratas - do grego “acracia”: a=sem + cracia=governo - ou também socialistas libertários ou comunistas libertários) trabalham para que seus objetivos finais se expressem em cada momento histórico, e vale

mencionar, para “revolucionar o cotidiano e cotidianizar a revolução”, propondo também no hoje, aqui e agora, novas formas organizativas e de relações sociais.

Os deturpadores do anarquismo, de forma consciente ou não, são todos aqueles que adotaram como válidos os conceitos de hierarquia e autoritarismo que o aparelho ideológico do sistema espalha e reproduz por todos os cantos.

A palavra anarquia ou libertária é um conceito completo. Tem um profundo conteúdo em relação ao enfoque sobre a organização social e o papel que nela tem de exercer a liberdade. A relação indissolúvel e inseparável existente entre o socialismo e a liberdade.

Por este conteúdo a militância anarquista se direciona para fomentar um processo revolucionário. Este processo, que é construído no dia a dia, tenta aumentar o espaço participativo popular e diminuir o espaço das diversas formas de autoritarismo (estado, partidos políticos tradicionais/oficiais, instituições religiosas, determinados comportamentos ou valores das classes dominantes - como a arrogância e o individualismo, e outras formas de coerção).

A construção e o fomento do processo revolucionário, se concretizam nas tarefas militantes cotidianas - a medida que nossas atividades vão ganhando terreno social - num combate permanente contra as máfias, polícias, militares, centros de poder político e econômico da burguesia, ao sexismo, racismo, no combate às igrejas que exploram o sentimento religioso para enriquecer e ajudar a manter o sistema (não confundimos os exploradores da fé com religiosidade e espiritualidade) e diversas outras formas e instrumentos de opressão. Tudo aquilo que impede a justiça social e o pleno desenvolvimento das potencialidades dos seres humanos e do povo, tentamos ajudar a combater.

Sabemos que esta libertação vai ser o fruto de um duro e complexo processo. De um caminho onde haverá dor e prazer, tristeza e alegria, morte e vida. Nessa caminhada tem um papel fundamental a atitude de cada um dos grupos e indivíduos que se ofereceram na tarefa de transformar/libertar a si mesmos e a sociedade.

Porque amamos a vida, a alegria, o desenvolvimento pleno do ser humano, nossa única opção é estarmos dispostos ao esforço e sacrifício necessários para todos conquistarem o socialismo e a liberdade.

## **Algumas propostas e princípios**

### **1-Participação**

Essa é a condição indispensável para obter a liberdade coletiva-individual. Significa o respeito as vontades e opiniões do indivíduo em relação ao grupo e vice-versa. Damos um exemplo: no caso, um grupo decide realizar a atividade X. Alguns membros discordam, e no processo de discussão e deliberação sobre a tarefa tiveram todas as possibilidades de expressar, explicar e tentar convencer os demais companheiros do porque de sua posição discordante. Mas, a partir do momento que o coletivo decidiu por realizá-la, todos os membros tem de assumir a responsabilidade por aquilo deliberado por seu coletivo.

Para que a participação seja efetiva não podem haver relações de dependência que impeçam as pessoas de se expressarem livremente. Mas, ao mesmo tempo, é necessário compreender que a vida pessoal não é igual a vida coletiva. Tem de ser desenvolvido um sentimento de pertencer ao grupo/coletivo, sentimento esse onde não é fundamental que as coisas saiam idênticas as opiniões pessoais. O coletivo do “eu-sozinho” não existe.

A participação não é exercida apenas em relação da pessoa para o grupo, mas também do grupo para a comunidade e da comunidade para a sociedade. Sem participação livre há opressão das vontades coletivas e individuais, possibilitando a existência de dominantes e dominados, governantes e governados, patrões e trabalhadores, dirigentes e dirigidos.

De todas as formas, como disseram de maneira exata teóricos como Bakunin e Malatesta, a liberdade deve ser pensada em termos sociais. A liberdade de cada pessoa como ser social integrada a um contexto coletivo.

### **2-Livre Acordo**

Alguns aspectos sobre o livre acordo já foram abordados no tema anterior pois ambos se encontram estreitamente vinculados. É um livre acordo, por exemplo, quando os membros integrantes acertam, com igual poder deliberativo, como será o funcionamento organizativo e a estratégia militante para o meio social onde a organização vai trabalhar.

Esta forma libertária de convivência e funcionamento social, somente é legítima quando todos podem manifestar livremente suas vontades, independente do tipo de tarefas anteriormente estabelecidas pelo coletivo. Isto vale para povos inteiros, entidades de base e pessoas. Dando um exemplo em pequena escala (e de

funcionamento interno de uma organização anarquista), podemos dizer que - em linhas gerais - quem define a propaganda da organização não é exclusivamente a Comissão de Propaganda.

É importante reafirmar que o livre acordo vem em contra a coerção, pois esta é uma expressão típica do autoritarismo. Coerção significa apropriação de direitos por parte de quem controla o poder, é uma imposição - e como todas as imposições - que vem de cima para abaixo. Significa hierarquias e dominação, violência moral e espiritual, e o fato concreto de pisarem na cabeça das pessoas e do povo.

O livre acordo deve ser materializado numa estrutura organizativa, permitindo que esta tenha funcionalidade para alcançar os objetivos fixados.

### **3-Apoio Mútuo**

Apoio mútuo, também chamado algumas vezes de auxílio mútuo, é a ajuda entre os membros das classes populares, entre os participantes de uma entidade de base, entre distintas entidades e entre todo o povo. É quando as distintas partes interagem, se auxiliando mutuamente e aumentando suas forças. Tudo isso baseado na solidariedade e no respeito às particularidades de cada um, sem nenhuma intenção de submeter a ninguém. Acreditamos que “quanto mais solidários forem os seres humanos, mais livres serão” e que no seio do povo “uma agressão feita a um é uma agressão feita a todos”.

A prática do apoio mútuo não alimenta as disputas, que são fundamentadas no princípio irracional de competição entre pessoas, entidades, etnias e povos. Competição e tentativas de superioridade que são elementos destrutivos para a convivência humana.

O apoio mútuo é o oposto a esse “valor” supremo do sistema capitalista: a competição, tão reforçada nos dias de hoje e cujas horríveis conseqüências qualquer um pode ver.

Nossa proposta é somar e integrar forças para alcançar uma vida digna e justa para todos. E para esse objetivo o apoio mútuo é um dos alicerces fundamentais.

Esse termo por nós tão querido e praticado, ou algo parecido, vemos hoje em dia mencionado por governos, políticos, demagogos, tecnocratas, instituições oficiais e até por mafiosos (ex: bicheiros e traficantes). Isso é uma operação de seqüestro ideológico por parte dos opressores. Vemos a distorsão dos conteúdos desta palavra, onde aparece representado o oposto ao que é verdade.

Estas falsas “ajudas mútuas”, algumas vezes misturadas com certos paternalismos, tem a única intenção de manter os privilégios e impedir que o povo

se auto-organize ajudando-se mutuamente. As classes dominantes fingem ajudar quando na verdade o que querem é evitar que o povo lute diretamente por suas vidas e por seus reais interesses. Esta ajuda farsante por parte dos poderosos, vem sempre quando eles desejam a colaboração das classes oprimidas. Sua única intenção é estabilizar a miséria e aumentar a dependência das pessoas simples e de todo o povo para com seus opressores.

Reafirmamos que ajuda mútua nada tem haver com paternalismo ou colaboração entre as classes sociais.

Ajuda mútua é a superação no real e no concreto dos valores burgueses de competição. E é a prática do valor popular da solidariedade.

#### **4- Autogestão**

É a proposta de gestão dos meios de produção e organização social em benefício da comunidade, coerente com os princípios de liberdade e igualdade.

Nessa forma de gestão todas as entidades de base, movimentos populares, grupos e indivíduos tem iguais direitos e participação. Isso para os aspectos fundamentais da instância onde se inserem (ex: um indivíduo numa coletividade de indivíduos, participa e delibera sobre todas as decisões básicas, aquelas que apontam os caminhos desta coletividade). A busca da autogestão se dá em formas organizativas federalizadas (horizontais e descentralizadas) onde a representação é autêntica e está controlada pelo coletivo.

Não devem existir hierarquias, pois isto significa alienação e dominação. Com a hierarquia, a maioria não toma as decisões, e a minoria dominante que as toma, faz isso em benefício próprio. A parte dominante decide as coisas para aumentar sua riqueza e/ou seu poder.

Na autogestão, as decisões fundamentais tem de ser tomadas pelo coletivo. Para isso é necessário que todos tenham acesso as informações necessárias, responsabilidade com o coletivo e auto-disciplina desenvolvida.

A melhor maneira de autogestionar uma organização é através de um funcionamento adequado e permanente dos organismos de base, congressos, assembléias, etc. Procurar estabelecer diferentes fóruns deliberativos onde todos os membros de uma organização tenham o direito de participar elaborando, intervindo e deliberando.

Sabemos, em função da realidade vivida nos dias atuais, que uma grande parte desses organismos de base farão funcionar a autogestão - numa federação de bairros, por exemplo - através do envio de delegados. Precisamos explicar um conceito. É óbvio que para os anarquistas, a delegação é totalmente diferente

da idéia da representação democrático-burguesa.

Concebemos o delegado ou representante apenas como o portador de uma decisão tomada por uma assembléia ou outra instância coletiva. Sua função é levar para outro fórum, uma proposta de seu organismo de base, proposta esta que é flexível até certo ponto. Assim, a proposta levada pelo delegado, tem uma margem aberta visando um acordo geral com todos os organismos de base presentes. Isso porque cada organismo leva - através de seus delegados - posições diferentes. A tarefa de delegação é indicada pelo coletivo ao membro (que em geral é uma figura de consenso), sendo que o delegado escolhido não pode se dar ao direito de tomar decisões de sua própria cabeça. As funções de representação ou delegação terminam no exato momento que o coletivo considere necessário - seja para rever, cancelar ou trocar o delegado/a.

Como sabemos, com o “representante” (tipo deputado, ou qualquer outro cargo parlamentar) é diferente. Este é eleito para um mandato (por tempo determinado) e durante este período delibera em nome de seus eleitores ou representados e não é responsável diante de ninguém, nem leva em conta a opinião ou sentimentos do conjunto que supostamente o designou. O “representante” age todo o tempo para si mesmo, para suas próprias convicções, por interesses pessoais e partidários - o mesmo acontece com os “dirigentes escolhidos” e também com os mandatários de cargo executivo (ex: secretários, ministros, prefeitos, governadores e presidentes). A tão comentada “representação do povo” que tenta nos fazer acreditar a democracia burguesa, todos já sabemos que não passa de uma ficção ideológica (mentira) que serve apenas para este sistema cínico e assassino.

Também sabemos que não pode haver autogestão, e nem mesmo co-gestão, “pura” dentro da ordem vigente na sociedade capitalista.

Essas tentativas talvez sejam mais relacionadas com unidades econômicas pequenas ou médias. Por exemplo, qualquer unidade econômica que exista hoje, por mais horizontalizada (sem hierarquia) que seja sua organização interna, querendo ou não faz parte do sistema. Tem de funcionar sob leis e normas já estabelecidas, o imposto ou qualquer tributo pago vai para o Estado, funciona de acordo com as leis de mercado (ex: especulação, crédito, demanda), entra em competição com outras unidades econômicas e seu capital (dinheiro) que põe para circular é o capitalismo em essência. Mesmo que não pague imposto e nem seja legalizada, fazendo parte da chamada economia informal, compete com outras unidades econômicas e circula dinheiro - ou seja, é parte do sistema capitalista. O capitalismo não admite “ilhas” econômicas liberadas. É comum ver como essas unidades econômicas “alternativas”, a medida que se desenvolvem começam a mudar. Começam a fazer concessões e evitam enfrentar e questionar o sistema a fundo. A história está cheia

de exemplos de cooperativas de produção e comunidades que terminam sendo organismos capitalistas comuns, tendo proprietários e assalariados. A partir desse ponto de vista, concluímos que estas unidades econômicas horizontalizadas não possuem nenhuma estratégia global de ruptura e transformação que sejam válidas. Tanto Bakunin como Kropotkin já alertavam sobre esse tipo de organismo e suas dinâmicas.

Não significa com isso que as formas de produzir sem padrão não servem para nada. Se trata sim, de encarar o problema em suas dimensões reais e apontar a falta de potencial transformador que possuem essas iniciativas nos dias hoje. Não vamos criar outra falsa ilusão acreditando que com essas unidades econômicas estamos minando o sistema por dentro. Tais unidades só podem servir para solucionar alguns poucos problemas e em situações muito limitadas.

A autogestão tem grande importância hoje, como orientação e proposta de organização popular. Ela vale para entidades de base e movimentos populares - ambos com características combativas - como também para organizações políticas de intenção revolucionária. Com a autogestão temos a chance de orientar processos sociais para um determinado sentido transformador, pois as estruturas autoritárias e hierarquizadas só servem para manter a situação de dependência que anula o crescimento das consciências. Os mecanismos e orientações organizativos hoje conhecidos (autoritários-verticalizados) reproduzem ideologias para adequar e integrar as pessoas ao sistema de opressão. As estruturas autoritárias fabricam a adoção de valores que reproduzem, em sua essência, o poder coercitivo. Esse mesmo poder que nos leva a viver sob formas de dominação - todas basicamente iguais, ainda que por vezes disfarçadas com diferentes rótulos e nomes.

Por tudo que dissemos sobre a autogestão, mesmo que nunca seja o bastante, o importante é apontar desde agora um caminho. Neste rumo, trabalhamos para que os movimentos populares sejam autogestionários, com tanta participação quanto for possível. Porque se não plantarmos as sementes do que queremos a partir de agora, não vamos colher nossos objetivos nunca. E também porque:

**“ A autogestão social se forja na autogestão das lutas!! ”**

## **5-Federalismo**

O federalismo é a maneira de viabilizar a autogestão em pequena, média e grande escala; onde diversos grupos autogestionários podem se integrar sem perder seu perfil próprio - pois não estão submetidos a um poder centralizado. Estão unidos por um interesse comum, tendo iguais direitos e deveres, com todos decidindo sobre os temas mais importantes compartilhados por todos os membros federados.

De acordo com os princípios autogestionários, em uma federação existe a livre associação. No federalismo se delibera e resolve através de assembleias, congressos ou outros organismos estabelecidos de comum acordo. Quando é necessário, uma federação funciona através de delegados que prestam contas ao coletivo a todo o momento. Por exemplo, uma federação de operários da construção civil funcionando em todo o Brasil, não teria condições de uma reunião a nível nacional através de assembleia, em função do imenso número de trabalhadores desta categoria, as grandes distâncias geográficas do país, etc. Por isso, cada unidade de operários federada deve eleger um delegado/a (ou o número que for necessário), encarregado de levar e defender as decisões de sua assembleia de base e realizar as consultas (em sua unidade federada) necessárias para produzir os acordos em toda a federação da categoria. A reunião da federação (a nível nacional, por exemplo) é constituída por delegados das assembleias das unidades federadas. Estes tem o compromisso militante e ético de tirar as deliberações para toda a categoria, seguindo as orientações e os acordos traçados a partir das assembleias realizadas em cada unidade federada de base (por exemplo, uma unidade federada por cada obra onde há operários construindo). As unidades de base tem a responsabilidade e o compromisso de aceitarem a deliberação tirada na reunião dos delegados. Desta forma, a federação segue funcionando como um verdadeiro organismo de luta para toda a categoria.

A não-existência de uma estrutura autoritária não significa infuncionalidade e desordem, não significa que todas as tarefas que tem de ser realizadas podem vir a ser feitas ou não. Se o federalismo for inoperante, acontece o que Malatesta sempre dizia: estaremos dando razão aos que argumentam dizendo que sem autoridade não funciona nenhum tipo de organização. Para realizar tarefas de todos os tipos de tamanho e complexidade - como por exemplo finanças, propaganda, cultura, serviços, infra-estrutura, relações com outras federações, formação política, etc. - a federação sempre designa um certo número de pessoas para cada tipo de tarefa. Estas pessoas são designadas por um determinado período de tempo, e se comprometem com o coletivo a tomar as medidas necessárias para realizar, de forma responsável, as tarefas para as quais foram indicadas. Isto não significa, repetimos, que estas pessoas tenham poder deliberativo e de resolução além dos aspectos técnicos da tarefa determinada (ex: para fazer um jornal, o encarregado deve tomar decisões de uma série de aspectos técnicos como: diagramação, títulos, tipos das letras para os textos, tamanho dos textos, qualidade da impressão, etc.). Independente de quem seja o companheiro/a designado e do tipo da tarefa para realizar, está mantida a possibilidade de substituição da pessoa designada, a qualquer momento que o coletivo considere necessário. Reafirmamos que qualquer estrutura

federalista tem um “controle” periódico e sistemático de todas as tarefas e delegações. Esse “controle” (gestão exercida pelo conjunto dos membros federados), exercido através de mecanismos coletivos, corrige, autocritica, critica, reafirma, amplia, substitue, avalia, analisa, etc, todos os aspectos da vida da federação. Quer dizer, a estrutura federalista tem a capacidade de fazer tudo o que a outra estrutura organizativa (centralista-vertical-autoritária) faz, mas com uma concepção diferente. Na concepção federalista, valoriza-se ao máximo o ser humano e ao povo em movimento, dinamizando em todas as suas tarefas, trabalhos e realizações, a semente e a ferramenta rumo à auto-organização popular (federalizada) em luta por uma sociedade socialista e libertária.

Muitos, cinicamente, tem apresentado uma falsa contradição: dizem que Centralismo ou Centralismo democrático é ordem e organização, e apresentam o Federalismo como desorganização e caos. Nada pode ser mais falso. São duas concepções organizativas produzidas na história, as duas com diversas práticas em toda sua existência. Os centralismos já demonstraram todo o seu potencial negativo.

A nossa concepção é a da organização federativa. Ou seja, pensamos num federalismo que faça funcionar uma organização política, um bairro e a toda a sociedade.

## **6-Internacionalismo**

Uma das características do nacionalismo é propor uma colaboração entre as classes sociais, ocultando a luta de classes (entre patrões e empregados, ricos e pobres, opressores e oprimidos, etc.) em nome da “pátria, da bandeira e símbolos nacionais, do ser nacional-patriótico, etc”. As fronteiras entre os países (geopolíticas) dividem, desunem e jogam as pessoas umas contra as outras, para a satisfação das classes dominantes, determinadas a ampliar seu poder. A luta pela liberdade e a igualdade necessita da derrota do capital e seu sistema, o fim da dominação exercida pela aliança estado-empresa que explora e oprime em toda a terra.

Por compreendermos que o verdadeiro conflito está entre as classes sociais e não entre as nações, somos totalmente contrários ao nacionalismo e seu estado nacional, com suas fronteiras, “justiça”, tecnocracia, impostos, forças de repressão e classes dominantes (aí incluídas as multinacionais).

Contra o estado nacional, que hoje está em crise, defendemos a identificação com os povos irmãos que sofrem situações semelhantes a nossa. Somos internacionalistas porque sabemos a artificialidade que são as fronteiras e porque sabemos que temos muitas coisas em comum com o resto dos povos oprimidos. Situações que nos permitem levar solidariedade e apoio para vontades e aspirações que também são nossas.

Nosso internacionalismo não nos leva a menosprezar a existência de especificidades culturais, costumes populares que são um verdadeiro e rico patrimônio dos povos. Não pensamos, em nome de um suposto internacionalismo, em nenhum tipo de uniformização. Respeitamos profundamente as diversidades, tudo aquilo que compõe a identidade de um povo, todo esse universo de afetos e representações que o próprio povo gerou em sua longa trajetória social.

Nosso internacionalismo não se baseia em nenhuma generalização abstrata, ilusória, que não dá conta das particularidades de cada povo. Pelo contrário, buscamos o que existe de comum entre os povos a partir do respeito a essas diferentes identidades populares.

## **7-Ação Direta**

A ação direta é o princípio onde as pessoas e os grupos humanos decidem e agem diretamente em tudo aquilo que tem relação com suas vidas. Esse princípio anarquista vem em oposição a idéia de um mediador-autoelegido. A mediação autoelegida (quando alguém ou algum organismo toma, por um ser humano ou coletividade, decisões em seu lugar) é uma mentira, é anulação e alienação social e política do indivíduo e das coletividades.

Como mediação-autoelegida também compreendemos a farsa democrático-burguesa (com governo executivo, parlamento e “justiça”), onde através de mecanismos fajutos conseguem que os eleitores elejam a quem os poderosos desejam.

Na democracia liberal burguesa, o ser humano se anula e legitima sua dominação/castração cada vez que vota. O voto é como uma carta em branco, através desse mecanismo se rouba de cada pessoa seu direito de decidir e agir politicamente. Delegar poder desse jeito é como uma permissão para ser escravizado e dominado.

Ação Direta é justamente a resposta libertária contra tudo isso. É a principal arma e método de ação do anarquismo. Na ação direta se procura diminuir a mediação ao máximo possível, pois a prática anarquista deve habituar as coletividades em movimento como agentes revolucionários para a transformação da sociedade. Isto significa que a ação direta abre caminhos para a maior participação e discussão possível, de todas as decisões e ações, em todos os níveis. Isso tende a gerar o crescimento político do povo, na medida que o próprio povo faz parte constante e ativa dos processos de luta e transformação.

No plano da militância concreta, ação direta é quando um coletivo age de forma direta para chegar a seu objetivo e confia em suas próprias forças para o alcançar. Também quando não aceita passivamente nenhuma instância fora do próprio coletivo em luta, isto é, não confia em políticos, populistas, patrões, “padrinhos

benfeitores” (ex:bicheiros e traficantes), nem na “justiça” burguesa, parlamento, ministérios ou secretarias. É ação direta, por exemplo, quando operários tomam uma fábrica ou trabalhadores rurais ocupam um latifúndio e aí sim, de forma direta, lutam para fazer valer seus direitos e garantir suas conquistas.

Ação Direta é quando autênticos movimentos populares e organizações políticas de intenção revolucionária caminham pelas próprias pernas em suas lutas.

A Ação Direta - pacífica ou violenta - significa uma orientação permanente na procura do fortalecimento do povo em luta e é sinônimo de protagonismo popular. É a essência do método libertário e trabalhamos para que seja sempre um caminho contínuo para uma autêntica transformação social.

## **8-Auto-defesa**

Este conceito tem sua origem no seio das idéias libertárias. Contém e representa também um forte sentimento anti-militarista. Compreende a proposta de organizar a defesa de coletivos populares como os grupos/organizações anarquistas, sindicatos, entidades de base, etc. Isto para garantir sua sobrevivência contra diferentes forças de repressão institucional e para-policial.

Vivemos sob um sistema de dominação de classe que nos impõe seus interesses. Este é um sistema baseado na força e na opressão. Desde agora, lutando por reivindicações imediatas como condições dignas de vida, por terra, saúde, educação, trabalho, etc, temos de nos defender de um sistema que não pensa duas vezes em atacar ao povo para manter os interesses mesquinhos das elites. Os conflitos e massacres contra os companheiros sem-terra dão o melhor e mais triste exemplo. Acreditamos que as conquistas populares mais urgentes, aquelas que precisamos hoje (como para os menores de rua), assim como a liberdade e a justiça social, não virão de graça como um favor das classes opressoras. Todos os avanços e conquistas que precisamos e queremos, não virão através de “negociadores inteligentes” (os eternos intermediários, gente que funciona como freio das lutas populares - aliados de fato das classes dominantes). Nossos avanços e anseios foram, são e sempre serão conquistados com luta. Com uma luta que compreende diversos tipos de confrontações.

Para estar a altura do enfrentamento que constantemente o sistema dá como resposta para qualquer necessidade legítima ou avanço popular, é necessário discutir o tema da auto-defesa. Sabemos que o tema é complexo e contém conseqüências que se cruzam com as mais diversas práticas e aspectos da ideologia anarquista. Não é pretensão deste manifesto-documento abordar o tema em profundidade, apenas fazer a menção necessária.

## 9-Posição Classista

O anarquismo se revitalizou com sua atividade na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), fundada em Londres no dia 28 de setembro de 1864. O seio da corrente libertária sustentou uma dura polêmica contra “os comunistas de estado” e seu centralismo. A ala federalista, ideologicamente libertária, se organizou a nível mundial, especialmente nos países mais pobres. Daí vem uma ampliação e maior organização do anarquismo como ideologia revolucionária. Mas, o que interessa destacar, é que a partir desse momento, nasce uma característica e identidade definidamente classista, posição que nossa ideologia leva consigo até os dias atuais.

A visão classista dos libertários, apesar de algumas semelhanças em aspectos fundamentais, tem profundas diferenças com a visão marxista da primeira internacional, divergindo também de todas as derivações do marxismo que vieram depois. Não possuía o fatalismo e determinismo que continha a visão marxista. Acreditava na capacidade transformadora do povo e suas autênticas organizações. Não submetia a luta emancipadora a etapas fatais de progresso nem privilegiava a luta em países com desenvolvimento industrial. Nunca se reivindicou “científica” chamando as demais correntes socialistas de “utópicas”. O anarquismo não o fez, nem naquela época nem nunca.

Os anarquistas afirmaram que esta é uma sociedade dividida em classes. Atribuíram, dentro do sistema de dominação, um papel de primordial importância para a exploração econômica, o controle do estado e a hegemonia ideológica. Estes três fatores são peças fundamentais para manter os privilégios da classe dominante. Analisou o fator econômico como primordial mas não exclusivo, nem suficiente para explicar o sistema de dominação. Ao mesmo tempo, o anarquismo sempre uniu à concepção de classe a uma valorização do ser humano. Essa valorização humana deu um caráter especial ao enfoque classista do anarquismo. Esse enfoque, pôs nossa ideologia a salvo de esquemas rígidos (tipo “receita de bolo”) e de “dogmas pseudo-científicos”.

Considerava o anarquismo que o sonho de uma sociedade justa e fraterna é incompatível com o sistema de exploração do homem pelo homem e também de toda e qualquer forma de opressão. Ou seja, o fim do modo de produção capitalista e de todo o seu sistema, visto como uma nova forma de escravidão, era condição indispensável para realizar esse sonho.

Através de distintas etapas de desenvolvimento, o capitalismo foi criando diversos mecanismos para sua reprodução e conservação. Acreditar numa espécie de autodestruição do capitalismo motivada por suas contradições internas já é algo comprovadamente falso. O capitalismo não se destrói sozinho, é necessário destruí-lo.

Apesar de tudo o que foi criado para disfarçar seu brutal sistema de classes, o capitalismo segue sendo, em última instância, um sistema baseado na dominação de classe. Mesmo que na atual conjuntura a classe trabalhadora tenha perdido parte de seu potencial combativo e transformador, a realidade essencial do sistema ainda é classista. Podemos afirmar que o desenvolvimento do capitalismo gerou o efeito de transformar populações inteiras em classe, em classes oprimidas. Para isso acontecer tem influência fatores econômicos, políticos e ideológicos.

O mundo segue dividido em classes dominantes que possuem tudo e uma imensa maioria que cada vez afunda mais numa miséria geral. Nossa América Latina é uma prova viva: mais da metade da população está na pobreza ou na miséria.

O Brasil, com seus mais de 100 milhões de pobres e miseráveis, é um exemplo gritante do que dizemos.

O conceito fundamental de classe não varia, apenas se adequa e se amplia a nova realidade. Fazem parte das classes oprimidas, hoje, todos os assalariados produtores de bens e serviços (incluindo a produção de bens simbólicos, culturais e recreativos) que não exercem nenhuma função “de patrão”, mais todos aqueles que vivem de bicos ou trabalham por conta própria - dentro e fora da economia informal. Mais a imensa camada de desocupados que é cada vez maior. Todas essas camadas e outras mais fazem parte das classes oprimidas, ou seja, vivem sob diversas formas de dominação e opressão.

Dentro dessa situação estrutural, nós anarquistas temos como objetivo imediato nos inserir e aliar aos trabalhadores e a todas as lutas dos oprimidos contra a classe burguesa e seu sistema. Sempre buscando formas orgânicas que permitam unir essas diferentes lutas, para que se fortaleçam e ganhem o potencial transformador necessário. Por exemplo, lutas sindicais, estudantis, contra a dominação racial, na defesa dos direitos humanos, por terra para quem nela trabalha, etc.

São diferentes lutas, filhas de uma mesma realidade de opressão. A solução fundamental para todas essas lutas está em dismantelar o opressor, está na força que como povo vamos acumular para acabarmos com esses infames privilégios defendidos por unhas e dentes pelos dominantes.

Estamos com nossa classe, a classe dos trabalhadores, pobres e oprimidos. Queremos legitimar nosso anarquismo no contato e na participação viva das lutas e necessidades de nosso povo hoje, aqui e agora.

**Nas lutas concretas e também nos sonhos de libertação de todos os oprimidos de nossa terra.**

## Um pouco de nossa história

Mesmo sendo anarquistas, reconhecemos a noção, a idéia e identificação para aquilo que se reconhece como Brasil. Também reconhecemos e reivindicamos as diversidades entre os povos brasileiros e a dimensão continental que faz do país um sub-continente da América Brasileira.

Igualmente nos entendemos latino-americanos, somos parte de um continente pleno de feridas, sangue e ainda esperanças. Os brasileiros são parte da América Latina, com todas as suas características e contradições. Neste pedaço do mundo, vivemos e lutamos.

Ao contrário do que a elite brasileira tenta nos fazer acreditar, não somos um povo de falsos malandros, vagabundos e covardes. Desde as primeiras flechas e tacapes lançadas contra os invasores até a última foice e facão dos sem-terra viemos lutando por nossos destinos.

### A invasão

Nossa história e resistência vem de 1500 quando o primeiro invasor lusitano começa a tentar conquistar as terras de Pindorama para colônia do império português. Surge aí a idéia de Brasil. Vem da devastação de nossas matas, exploração econômica e dos trabalhos forçados nosso nome. Pau-brasil era a árvore abundante na Mata Atlântica e brasileiros foram denominados os trabalhadores (eiro = trabalhador manual) do pau-brasil. Os primeiros brasileiros foram os povos indígenas. Passavam a ser “brasil-eiros” quando derrotados nas inúmeras guerras contra os invasores lusos ou aculturados e “convertidos” em escravos. Depois, a partir de 1530, os africanos, com a vinda destes trabalhadores que foram seqüestrados de seu continente, também se tornavam brasileiros. Com as capitânicas hereditárias surgiram os latifúndios, a coroa portuguesa comissionava capitães-mor nestas terras do além-mar, com poderes absolutos para a vida militar, civil e econômica. Postos

de vigília e comércio eram instaurados na costa, e junto com estes fortes, vinham contrabandistas e saqueadores (portugueses, franceses, ingleses, holandeses e corsários sem reino). Começaram a vir portugueses pobres - desterrados e degredados (não podemos esquecer que as terras brasileiras funcionavam como colônia penal para desterrados e criminosos) - e mais brasileiros surgem. Nasciam os “filhos da conquista”, outros brasileiros, gerados do estupro de mulheres indígenas e negras. De tanta violência e exploração vem a “típica diversidade” dos povos brasileiros.

### **A resistência indígena**

Junto do estupro, conquista e devastação feita pelos invasores europeus, veio a resistência e a luta. No começo foi a resistência indígena, que segue até hoje. As guerras Tupinambás, Cariris, a Confederação dos Tamoios, a guerra das Missões Guaranis contra os impérios português e espanhol, dos Goitacazes, Tapuias, Charruas, Guaicurus, Aimorés e tantos outros povos, muitos já sem nenhum registro histórico. Esta luta é atual, como a dos Xavantes, Ianomâmis, Kaudiwéus, Kaigangues, Tchucarramãe, e todos os demais povos indígenas, especialmente vivida no Centro-Oeste e na Amazônia. Os inimigos de hoje se chamam latifúndio, mineradoras, calha-norte, traficantes, madeireiras, militares, multinacionais de bio-tecnologia e Funai.

Por não poder domesticar os primeiros brasileiros ao trabalho escravo, o inimigo os chamou de “lerdos, preguiçosos, inúteis”. É certo que não queriam trabalhar para os invasores, fazer a luta de classes era fugir da lavoura e a sabotagem não derrubar nem carregar pau-brasil. Outras armas trouxeram os inimigos além daquelas de guerra; a conversão à uma fé transformada em escravidão para os povos indígenas - ditos sem alma (eram considerados tão animais que nem pecado tinham), a aculturação, a destruição do meio natural e as doenças (como a tuberculose e a gripe).

### **Luta negra e Palmares**

Da destruição das matas passaram a violentar o solo com a mão de obra dos trabalhadores seqüestrados. Porque como sempre as elites se entendem entre si, o mercantilismo fez acordo com os reis africanos, e o escambo foi a venda de milhões de homens e mulheres. Por quase 400 anos o tráfico e a escravidão dilaceraram a costa ocidental e as regiões centrais da África, trazendo dor e desespero para o Brasil.

O inimigo de classe (então os capitães-mor, senhores de engenho e comandantes da marinha e exército da coroa) colocava os trabalhadores negros sempre em grupos de línguas diferentes - dividir para dominar, a velha fórmula das classes opressoras. Assim, a cada três afro-brasileiros, cada qual trazia seu idioma de origem e foram obrigados a aprenderem o português, e a se comunicarem no idioma do dominante. Também a fé e espiritualidade (visão de mundo) destes trabalhadores estava proibida e teve de ser disfarçada. Do disfarce da fé afro-brasileira, surgiu o sincretismo religioso, como alternativa de preservação e sobrevivência do espírito do povo oprimido. Nos engenhos, os senhores botavam seus sobrenomes como marca nos escravos e davam feijão com restos de porco para eles comerem (vem daí uma das comidas mais populares de nossa gente, a feijoada; comida dos trabalhadores negros). Obrigavam os negros a adorarem aos mesmos santos e ao mesmo Deus de seus exploradores - e óbvio, não ensinavam o cristianismo que combateu a escravidão com armas e palavras. As mais lindas mulheres negras iam trabalhar na casagrande e o inimigo as violentava. Nascedo desta curra os mulatos e mulatas, filhos do estupro das trabalhadoras por seus patrões latifundiários. Não contentes com violentar as trabalhadoras negras, os senhores de engenho chamavam os bebês, nascidos da curra, de “filhos das mulas”. O termo “mulato” vem de mais este estupro de nossa gente. Como se não bastasse, os filhos da classe dominante mamavam, literalmente, no seio do povo. As mulheres negras, quando amas-de-leite, tiravam o alimento de seus filhos e eram obrigadas a dar o peito para os filhos de quem as escravizavam.

Enquanto avançavam os engenhos de açúcar na zona da mata nordestina, no Sudeste, saíam da Vila de São Paulo de Piratininga, os saqueadores de riquezas. Munidos de bandeiras da coroa, os “bandeirantes” levavam pequenas tropas particulares Brasil adentro, numa disputa com o império espanhol pelos territórios ainda não conquistados. Buscavam estes assassinos, ouro, diamantes, indígenas para escravizar e mulheres. Tinham à frente sempre um branco dono do saque e uma tropilha de mestiços (caboclos, mamelucos) que falavam entre si a “língua geral”, uma mistura de dois idiomas indígenas juntados pelos conquistadores, também chamado de tupi-guarani. Este foi o principal idioma em terras brasileiras até a chegada da corte imperial portuguesa (quando esta fugiu de lá correndo, no início do século XIX). Aqueles que por duzentos anos saquearam, destruíram, estupraram e mataram - além de ajudarem a exterminar rebeliões- o inimigo de classe os considera: “bandeirantes - desbravadores, pioneiros e heróis do país”.

Óbvio que tamanha exploração não passaria em branco. Como resposta popular, os trabalhadores negros somaram outra modalidade de resistência além daquelas praticadas pelos indígenas. Surgem os quilombos, sendo o de Palmares

- na Serra da Barriga, atual estado de Alagoas - o maior de todos. Aí avançamos como povo e provamos para nós mesmos que podemos conviver de igual para igual, de forma autogestionária, respeitando a diversidade e a fé de todos os segmentos de nossa gente; socializando a produção, a vida comunitária e todas as decisões relevantes. No Quilombo dos Palmares, o colonialismo e a escravidão foram derrotados pelos trabalhadores afro-brasileiros, num território livre e com o povo em armas, por mais de 100 anos! Talvez seja este o pedaço mais lindo e digno da história dos brasileiros. Os quilombolas, além da maioria negra, também contavam com brancos pobres, mestiços e indígenas. Nossa Revolução Social a traçamos aí, comprovamos que ela é possível e necessária, apontamos seus caminhos e horizontes. Da luta pela libertação negra e popular nasceu a arte marcial que viria a ser transmitida clandestinamente nas senzalas e matas, de geração para geração - a capoeira. Também tivemos exemplos de que os traidores são todos iguais não importando sua cor e origem. Exemplos da força e astúcia do inimigo de classe, que é sem dúvida poderoso e procura mil maneiras para nos escravizar. Mas, acima de tudo, exemplos da capacidade dos povos brasileiros de sermos agentes de nossos próprios destinos e de conquistarmos nossa liberdade no peito e na raça.

### **Trabalhadores da colônia & Inconfidência**

Os quilombos foram vários, assim como as resistências indígenas. A economia da colônia se movia por ciclos. Primeiro devastaram nossas matas para pintar de vermelho as roupas dos nobres e este foi o ciclo do pau-brasil. Depois, para adoçar a boca dos ricos, dilaceraram nosso solo com o ciclo da cana-de-açúcar. Num intervalo da monocultura mercantilista, veio o ciclo do gado. Por estes tempos se fizeram sentir em todos os trabalhadores brasileiros - então já éramos negros, índios, caboclos, cafuzos, mulatos e colonos - as palavras que expressam dois dos sentimentos mais profundos de nossa gente: Sertão & Saudade. E junto destes sentidos, também Dor & Esperança.

O inimigo de classe descobre ouro por aqui, e para enriquecer os comerciantes europeus, trazem mais escravidão e morte em nossos rios e morros. Também por esta época, do sertão e da luta pela sobrevivência, nascem os bandidos sociais. Os primeiros foram os do bando de Cabeleira, depois esse banditismo tornou-se comum no interior do Nordeste. Expressando no peito toda a revolta que só o sertanejo mais sofrido sabe sentir, suas garruchas e bacamartes cuspiam fogo e raiva - por vezes de forma indiscriminada, outras bem acertadamente pois faziam pontaria nos

senhores de engenho e gado.

Com os ventos do iluminismo soprando também para o Brasil, vieram as conspirações para a independência, como a Inconfidência Mineira e a Conjuração Bahiana. Óbvio que a repressão sobrou para o único inconfidente que era do povo, alferes de cavalaria, tropeiro e que tirava os dentes podres dos escravos. Por ser abolicionista e a favor de justiça social, esquartejaram Tiradentes. Não contentes com isso, estes mesmos que o assassinaram fizeram-no padrinho da polícia-militar - um bando de criminosos fardados pagos pelos poderosos. Se dez vidas tivesse gritou, dez vidas daria. Como só tinha uma, a deu pela causa que pensava justa e digna. Os outros inconfidentes, comerciantes mais preocupados em não pagar impostos do que com a liberdade, não deram vida nenhuma e nada mudou.

Os trabalhadores da era colonial eram escravos (da senzala e da casagrande, os músculos dos primeiros garantiam toda a riqueza de uma corja de parasitas que nada faziam como para nada servem, até os dias de hoje) mas também tropeiros, cargueiros, aguadeiros, ferreiros, caixeiros, sapateiros, oleiros (faziam tijolo nas olarias), carpinteiros, lavradores livres, pescadores, jangadeiros, alguns poucos profissionais, artesãos, vaqueiros que se espalhavam do Continente do Rio Grande de São Pedro até a foz do Amazonas passando também pelo Pantanal, carreteiros e outras profissões e ofícios. Incluindo a grande quantidade de mulheres trabalhadoras, na lavoura e na cozinha, como amas de leite, costureiras, rendeiras, rezadeiras e as que vendiam seus corpos como força de trabalho, chamadas de prostitutas.

## **Independência, revoltas & revoluções regionais**

Veio a corte portuguesa fugindo apavorada de medo; depois fizeram a “independência” pois tinham pressa antes que algum a aventureiro a fizesse. E tudo continuou como antes: os nobres tinham dois sotaques, o império brasileiro assumia para si a tradição colonial e começou a praticar por conta própria o sub-imperialismo na América do Sul. O latifúndio seguia - inaugurando então o ciclo do café, pois a elite européia queria tomar do líquido preto e devastaram nossas serras para isso. Os pobres continuavam pobres e os trabalhadores negros seguiam resistindo a escravidão.

Por ser um país novo, os diferentes grupos das elites algumas vezes não se entendiam nos projetos nacionais. Vieram revoltas pré-independência, lutas no primeiro reinado e no período da regência. Em algumas destas rebeliões, o povo (brancos pobres, indígenas, mestiços e negros) tomou a frente, fazendo destas revoltas verdadeiras revoluções populares regionais. Como fez o povo das cabanas, na Cabanagem (Pará-Amazônia) e como fizeram os balaies, na Balaiada (Mara-

nhão). As demais foram antes de tudo revoltas de oligarquias descontentes, mas que não pensaram por duas vezes antes de derramar o sangue dos humildes para suas disputas de elite. Nestas ocasiões, mais uma vez, os trabalhadores negros em armas, se aproveitavam da situação caótica e conquistavam sua liberdade a ferro e fogo. A última destas rebeliões com traços populares, embora bastante confusa, foi a Praieira em Pernambuco. Aí, pela primeira vez no Brasil, chegaram as idéias do anarquismo contemporâneo, através do mutualismo.

Para acabar com as revoltas, rebeliões e revoluções populares regionais, o império do Brasil primeiro usou oficiais coloniais e tropas mercenárias de marinha. Depois, criou uma força repressora com os filhos dos nobres e latifundiários, deu-lhe o nome de Guarda Nacional, ofereceu como prêmio para sufocar as rebeliões mais terras e riquezas - além dos favores da corte - e pôs à frente destas tropas o maior contra-revolucionário da história do Brasil. No reconhecimento oficial por tantas degolas, linchamentos, prisões e execuções, o inimigo de classe deu-lhe o título de patrono do exército brasileiro. Assim, lutando contra revoltas e revoluções, nascem as forças armadas nacionais.

### **Império, abolição & república**

Paralelo com a contra-revolução, o império e suas forças armadas praticam sub-imperialismo para roubar terras e explorar comercialmente os povos hermanos. Mais tarde, seguindo a tradição genocida, destroçam e matam a mais de dois-terços dos paraguaios. Fizeram isso a mando do império britânico, de quem as elites brasileiras eram capachas. Sem nenhum escrúpulo, como sempre, o inimigo de classe usou outra vez de braço negro para exterminar os paraguaios-guaranis.

Depois de mais uma matança, mudava o modo de produção e o inimigo supostamente se dividia em blocos oponentes. Na verdade, era apenas uma disputa entre exploradores, que culminou com a “abolição” da escravatura - sem nenhuma distribuição de renda. Um ano depois, veio um golpe de estado, e o povo que estava naquela praça, tomou um susto e nada entendeu porque que o marechal que era ministro do imperador dava vivas e proclamava a república (?!). Veio a “tal da república” e óbvio, nada mudou.

### **Canudos & Contestado**

Enquanto na capital se tramavam golpes de estado e conspirações de palácio, no sertão da Bahia o povo brasileiro outra vez descobria seus caminhos. Inspirados por um homem de fortes palavras que dava conselhos, as gentes do

interior flagelado pela seca, subiram um Belo Monte e retomaram o que nos pertence por direito: a Terra e a Liberdade. Entendendo Jesus como carpinteiro, pescador, guerrilheiro e profeta, com esta inspiração socializaram a terra, viveram em comuna e criaram um Poder Popular no inferno que era o sertão. Já que se viam ao lado de Cristo, lutaram contra o anti-cristo encarnado na república dos ricos, dos latifundiários, dos milicos positivistas e suas injustiças. Porque o sertanejo é antes de tudo um forte, a bravura dos caboclos de Canudos resistiu por 4 anos a todas as investidas do exército, polícia e jagunços. No couro, na ponta da faca, com facão e garrucha derrotaram três vezes as forças armadas. Como sempre, quando o povo se auto-organiza, luta pelo justo e vai até o fim por seus ideais. O exemplo de Canudos é tão marcante, que a ditadura militar alagou a região debaixo de uma represa para que ali não virasse lugar de romaria. Isso de nada adiantou, pois assim como Palmares, trazemos Canudos na alma!

Outra vez por Terra e Liberdade, agora numa área contestada entre os estados de Santa Catarina e Paraná, a caboclada se revoltou contra os latifundiários e a multi-nacional que construía uma ferrovia na região. Tendo a mesma idéia de Jesus que seus irmãos de Canudos, os caboclos do Contestado se armaram de espadas de madeira e foram enfrentar ao anti-cristo encarnados nas empresas, nos fazendeiros e suas malditas cercas e leis. Por outros 4 anos as forças armadas, a polícia e os jagunços - todos a soldo dos poderosos - foram derrotadas por estes sertanejos do Sul. Nas últimas campanhas da repressão para acabar com o Poder Popular que gerou a terra coletivizada, a vida em comunidade e a classe camponesa dona de seu próprio destino, os milicos usaram até de bombardeiros aéreos contra o povo em armas. De nada adianta o silêncio do poder sobre mais esta guerra popular. Assim como Palmares, Canudos e diversas outras revoluções brasileiras, trazemos o Contestado na alma!

## **O Proletariado anarquista**

No final do século passado, abriam-se as portas das senzalas e os trabalhadores negros conheciam outra faceta do capitalismo, o sub-emprego e a miséria. Espertamente, os capitalistas e a aristocracia do país “importavam” mão de obra européia desde o final da monarquia. A motivação era antes de mais nada racista: - “Construir uma potência branca na América do Sul” diziam eles, e depois econômica. Vieram os operários e camponeses imigrantes e outra vez mais os trabalhadores recebem a acolhida típica do país tropical: exploração a níveis desumanos.

Com estes operários imigrantes veio também a primeira carga de ideologia revolucionária das classes oprimidas. Os poderosos do Brasil, que tanto queriam mão de obra assalariada branca, não gostaram nenhum pouco do que o proletariado trazia consigo nas malas, corações e mentes. Então, apelidaram de “flor exótica” a ideologia de libertação da classe trabalhadora. A acusavam de ser uma idéia sem raízes no povo gentil, pacífico e ordeiro destas terras (obs: esta gente nunca se dá conta das asneiras e mentiras que utilizam). “Idéias de estrangeiros que não querem saber de trabalhar!” gritavam os parasitas dominantes. A classe explorada, bastante prática em suas lutas e conquistas, chamava - como chama hoje - sua ideologia de anarquismo.

De 1890 até 1930 fomos hegemônicos como movimento operário e ideologia das massas assalariadas urbanas. De 1930 até o golpe fascista do Estado Novo em 1937, disputamos palmo a palmo a luta de classes contra pelegos, amarelos, marxistas e o governo pré-fascista, todos aliados contra nós. Nestes tempos, o anarquismo impulsionava a auto-organização da classe em luta, então essencialmente de origem imigrante - daí ser chamada de classe operária imigrante. Nunca nenhum movimento de massas urbano foi tão forte como o nosso! Nunca os trabalhadores brasileiros avançaram tanto em suas lutas! Nunca a classe dominante tremeu tanto de pavor!

Organizando, impulsionando e avançando a classe e o povo em luta, o anarquismo criou meios para gerarmos valores diferentes daqueles vividos pelos dominantes. Como movimento de massas, tínhamos um projeto popular completo para a “Emancipação dos trabalhadores que é obra dos próprios trabalhadores!”. Assim, os trabalhadores tinham seu instrumento de luta e conquista econômica (os sindicatos livres ou anarco-sindicalistas), de educação libertária e popular (as escolas racionalistas e as universidades do povo), de cultura de classe (os ateneus operários, bibliotecas sindicais, grupos de teatro social, bandas e liras operárias, atividades de lazer e recreação para toda a família trabalhadora), de literatura operária (com a edição e distribuição em massa de livros como *A Conquista do Pão*, *O Salário*, *No Café*, *Germinal*; e um estilo de romances e contos do proletariado anarquista), de informação (os jornais operários) e de defesa (os grupos de auto-defesa e sabotagem).

Um belo exemplo de como a companheirada brigava como povo, “porque a agressão feita a um é uma agressão feita a todos”, é o caso das operárias tecelãs. Em sua maioria mulheres jovens (a média de idade era de 14 anos), trabalhando de 12 a 16 horas por dia, um salário de miséria e em péssimas instalações industriais, cedo estas operárias perdiam qualquer esperança com a vida. Era infelizmente comum que patrões ou gerentes as enganassem com falsas promessas, arrasando ainda mais

sua dignidade e auto-estima. Nesses tempos, nos meios operários, nenhum homem ou mulher, mesmo que seduzido, não se relacionava com o inimigo de classe. A concepção era que “um patrão que seduz ou engana uma operária violenta a classe inteira!” A atitude a ser tomada era sempre de solidariedade (com a tecelã) e luta (contra a patronal). A resposta vinha de dia com piquetes, manifestações, greves e boicotes. E por vezes à noite, quando companheiros de ação sabotavam a fábrica ou levavam a justiça dos oprimidos às últimas conseqüências.

A estratégia então utilizada era a da “ginástica revolucionária” (estica e puxa até que um dia arrebenta). Consistia em impulsionar a luta de classes num sentido profundamente anti-capitalista, dando ênfase de que em cada tarefa, por mais simples que for, se ajuda a construir um caminho da libertação proletária e popular. Os anarquistas funcionavam como impulsionadores da classe, sempre fomentando um estado de mobilização por reivindicações concretas. A briga era para conquistar avanços e necessidades, tanto nas questões classistas (como a jornada de 8 horas, piso salarial, melhores condições de trabalho, pelo fim das perseguições sindicais, etc.) como nas questões gerais (contra a guerra e o serviço militar, contra o alcoolismo, contra a exploração comercial da fé, contra a fome e a carestia, pela libertação da mulher). Nas lutas concretas de participação massiva os anarquistas forjaram, na idéia e na ação, o combate social ao sistema opressor.

Mas nada disso foi fácil ou veio de graça. A burguesia considerava que: “a questão social é um caso de polícia!” e jogava a repressão - particular e estatal - sobre nós. Eram constantes as batidas de casa em casa, perseguições aos anarquistas mais conhecidos, listas negras nas fábricas para os militantes sindicais, prisões, torturas, assassinatos e deportações. Em Roraima, fronteira com as Guianas, fizeram um campo de concentração para os anarquistas durante o governo de Bernardes, a famigerada Clevelândia. Mas, com a dignidade habitual, sapateiros, padeiros, gráficos, metalúrgicos, ferreiros, carpinteiros, pedreiros, operários têxteis, professores, comerciários, garçons, portuários, condutores e outras categorias do proletariado libertário sempre davam a resposta do povo contra a repressão da burguesia e seus lacaios: fugas da Clevelândia e de outras prisões, diversas vezes derrotamos a repressão em enfrentamentos e a patronal na luta de classes, também várias delegacias e quartéis voaram pelos ares nesses tempos.

Nas primeiras décadas do século XX, em especial nos tempos da Confederação Operária Brasileira (COB, teve seus congressos nos anos de 1906, 1913 e 1920) e das Federações Operárias estaduais - estas resistiram até o golpe do Estado Novo em 1937, as cidades brasileiras mais importantes estiveram em momentos de ruptura revolucionária. Por mais de uma vez cidades do porte de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Santos e outras mais caíram nas mãos

do operariado anarquista. Houve também uma tentativa de insurreição, no Rio, e participamos de todos os episódios históricos até o final dos anos 30. Isto porque a função libertária era - e é - a de estarmos na primeira linha de combate popular, nunca como uma vanguarda, mas sim como militantes dedicados à emancipação de nossa classe e povo.

O momento auge era quando se davam as condições para uma greve mais radicalizada. Esta greve puxava outra e mais outra até que toda a classe parava em solidariedade. Os trabalhadores tomavam e geriam os meios de produção, expulsávamos a repressão (muitas vezes a base de dinamite), os sindicatos organizavam expropriações nos grandes comércios e cuidavam da distribuição de alimentos, os jornais burgueses eram empastelados ou sabotados e nossa imprensa circulava absoluta. Era a chamada “cidade proletária”, ensaio insurrecional muitas vezes repetido. Para garantir as conquistas e negociar com a patronal e o estado, era indicado um organismo político, composto por militantes anarquistas de consenso. Este organismo era denominado Comitê Operário, Conselho de Greve ou Liga de Defesa do Povo. Assim vieram as maiores conquistas da classe e do povo em luta. Com a dedicação integral e abnegada de milhares de anarquistas. Companheiras e companheiros que generosamente davam o melhor de si para a mais justa das causas - o socialismo e a liberdade -, muitas das vezes entregando suas vidas para o avanço e a emancipação popular.

Óbvio que tamanha capacidade de luta não ficaria sem resposta da burguesia e de seus aliados. No final dos anos 20, começa a ascensão da classe média no cenário político nacional, cujo melhor exemplo é o tenentismo. Na virada da década, estas camadas médias (militares, profissionais liberais, funcionários públicos de médio e alto escalão, intelectuais, pequenos e médios comerciantes, etc.) foram capitalizadas pelos marxistas e seu partido e pelos “liberais“. Para o meio operário, importaram da Itália fascista a “Carta del Lavoro“ de Mussolini, e com o apoio de pelegos e marxistas esta foi implementada como Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), surgindo junto com o Ministério do Trabalho. Até as vésperas do Estado Novo, disputávamos palmo a palmo o terreno sindical e popular das grandes cidades. Uma passagem marcante deste período foi quando botamos os galinhas verdes (integralistas) para correr, debaixo de bala, da Praça da Sé em São Paulo - em 1934 e 1935. Com o golpe de 1937, foram fechados os sindicatos livres e - autocrítica - por não termos instâncias políticas específicas para operar na clandestinidade a qual nos forçaram, durante oito anos deixamos de existir. Em 1945, quando caiu a ditadura Vargas, o pior já estava feito: a classe trabalhadora quebrada em sua ideologia, em seus organismos de luta de massas e na sua identidade e valores classistas.

## **Coronelismo & Cangaço**

Uma outra parte das lutas e condições de vida dos oprimidos brasileiros estava no interior. Do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, o latifúndio dominava os campos e o sertão através do coronelismo. Os senhores de terras, em troca de apoio ao governo central, ganhavam mais terras e também o título de coronel da Guarda Nacional. Mesmo com o final destas tropas para-militares, os coronéis seguiram existindo. A economia, religião, repressão e poder político partiam destes “donos de gado e gente”. Quando terminou a maldita guarda dos coronéis, o governo da tal da república, sempre que necessita, convoca “batalhões patrióticos”, compostos pelos latifundiários e seus jagunços. Nas guerras locais dos partidos das oligarquias do interior (como a Federalista, guerras civis gaúchas, na Chapada Diamantina, brigas entre famílias poderosas, etc.) e nas grandes revoltas (como a Coluna Prestes), estas tropas eram empregadas junto com o exército e a polícia.

No cotidiano do interior, a não ser em ocasiões como Canudos e Contestado, nosso povo encontrou em algumas regiões - em especial no sertão nordestino - formas de revolta contraditórias mas enraizadas no seio da gente simples. Os estudiosos chamam de banditismo social mas os nordestinos chamam é de cangaço. Bandos de homens armados de “coragem e bala” infestavam o sertão dos coronéis; por vezes contando com apoio de alguns deles, outras horas não. E sempre “botando o terror nas volantes dos macacos” (a polícia).

A burguesia, aliada dos coronéis, escandalizava-se. O povo do sertão, preferia ver seus filhos no cangaço do que passando fome, vivendo de peão ou meeiro nas terras de outros, devendo favores ou o pior, como jagunços dos latifundiários. Para os camponeses que se revoltavam, havia sempre uma cova rasa, medida com sete palmos cavados de terra, a parte cabida ao povo, no latifúndio que queria ver repartido. Sem dúvida o cangaço era a melhor opção, por necessidade e por uma questão de classe.

## **Populismo & Lutas camponesas**

Quando terminou o Estado Novo, tanto o movimento operário como o sertão haviam mudado. No período entre duas ditaduras (em especial a partir dos anos 60), começaram as migrações para as grandes cidades (o êxodo rural) e o país começava a se industrializar. O rádio abria o caminho - junto com a aeronáutica - para a integração nacional tão sonhada pelos militares (fator que eles mesmos, vinte anos depois, iriam se aproveitar para montar as redes de televisão). Vieram

as siderúrgicas, seguidas de metalúrgicas automobilísticas - por tabela, diminuíam os trens e abriam-se rodovias (“governar é abrir estradas” já se dizia nos anos 20 a mando das multinacionais). Uma falsa euforia trazida pela “modernidade”(obs: o discurso do inimigo é sempre o mesmo) tomava conta do país.

A esquerda perdia seu caráter operário, classista e popular dos tempos anarquistas e se encontrava dominada por intelectuais de classe média e seu partido. Este, mesmo quando ilegal, sempre foi tolerado. Eram os tempos de modernização e populismo, e do vexame de uma “esquerda” buscando alianças com uma tal de burguesia nacional progressista a qual o povo brasileiro nunca conheceu nem jamais ouviu falar - e que ainda se existente, é parte do inimigo de classe.

Mas como sempre, a gente simples encontrou seus caminhos, e os camponeses pela primeira vez na história do Brasil conheciam a sindicalização rural massiva. Brotavam sindicatos de trabalhadores rurais, associações de lavradores e as hoje lendárias ligas camponesas. Apesar de ter líderes populistas e uma demagógica referência de reforma e aliança de classes (era a postura do partido da classe média); provou-se outra vez que sempre quando a briga é boa, justa e necessária, os matutos, capiaus, compadres e comadres do interior compram esta briga.

Por mais de quinze anos, de novo os camponeses foram orgulho e esperança das classes oprimidas brasileiras. Emboscadas, tocaias, mortes encomendadas, repressão e perseguição institucional e da jagunçada. Ontem como hoje, o campo em luta é terra de ninguém. É justo reconhecer que militantes de base de outras correntes fizeram um grande esforço organizativo e nesse caminho, por muitas vezes deram suas vidas. Quando veio o golpe dos militares, com a derrota do populismo e seu “partido de esquerda”, a milicada, os coronéis e as empresas fizeram questão de destruir cada sindicato de trabalhadores rurais que fosse combativo. E a luta pela terra, de forma organizada, ficou adiada até surgir o MST.

### **Ditadura militar, estudantes & guerrilheiros**

Os anos 60 entraram no Brasil pela porta dos fundos, com “a potência emergente” inaugurando sua nova capital no meio do cerrado. A obra foi feita com o cimento transportado de avião, e por coerência política da classe dominante, se esqueceram dos candangos que construíram a cidade. Com a acirrada disputa entre o populismo e a direita golpista, nem o império ianque nem as elites brasileiras quiseram arriscar algumas reformas estruturais. Optaram pelo golpe militar - implantando um regime de endurecimento gradual. Sindicatos e movimento estudantil foram logo proibidos. Num primeiro momento, quem podia causar problemas - as bases populares organizadas - foram reprimidas e extintas, até isolarem o partido

da classe média e todos os seus futuros rachas.

Cheios de boa vontade, mas sem nenhuma inserção social, os estudantes secundaristas e universitários chamaram para si a responsabilidade de levar as bandeiras das lutas sociais dos brasileiros. Dos segmentos sociais mobilizados no início da década de 60 (soldados, religiosos, profissionais liberais, intelectuais, artistas, camponeses e estudantes) - a não ser em alguns raros momentos como as greves de Osasco -, depois do golpe foram apenas os estudantes que encararam a luta.

O inimigo necessitava de um regime forte para crescer o bolo do produto interno bruto e nunca jamais dividi-lo. Também para fazer obras faraônicas (ex: ponte Rio-Niterói, Transamazônica, dezenas de BRs, super-hidrelétricas como Carajás, Tucuruí, Itaipú e outras mais, usinas nucleares, etc.), montar a indústria bélica nacional (houve um tempo que “o país do futuro” era o quinto maior exportador de armas do mundo), criar estatais para infra-estrutura e subsídio da produção industrial privada, redes de televisão, contrair empréstimos aumentando a dívida externa, inchar as cidades expulsando gente do campo com novas monoculturas plantadas a base de agrotóxicos (como a soja, a laranja e a cana de açúcar do proálcool) - entre 1960 e 1980, 30 milhões de brasileiros saíram do campo para as cidades -, aumentar as favelas, destruir o meio ambiente ( com o Inera tocando gente feito gado para o norte) e acabar com a rede do ensino público. Ainda tiveram o cinismo de chamar a tudo isso de “milagre econômico” (obs: para eles, a nossa desgraça é sua cura milagrosa). Também necessitavam de um regime forte e de terrorismo de estado para garantir o Brasil na geo-política do continente, porque “para onde vai o Brasil vai a América Latina“, e como os trabalhadores brasileiros não saíram do lugar, os hermanos latino-americanos brigaram e brigaram e não foram para canto algum.

Era fundamental que a 8ª economia do mundo fosse a pioneira da América Latina na doutrina de segurança nacional e nos órgãos de repressão especializados (os mesmos que continuam hoje: o DOPS e a criação da Polícia Federal, o antigo DOI-CODI, a OBAN, institucionalização das Polícias-Militares com suas forças de choque e as de inteligência/P2, a criação do Serviço Nacional de Informações - ex-SNI hoje Secretaria de Assuntos Estratégicos/SAE -, os serviços de inteligência do Exército/CIE, da Marinha/CENIMAR, da Aeronáutica/CISA, as tropas especializadas em contra-insurgência - como os páraquedistas e fuzileiros, a militarização dos bombeiros, a institucionalização das super-corruptas Polícias Civis e as mais recentes Guardas Municipais). Partiram militares brasileiros para aprender técnicas de tortura com os gringos e depois ensinar aos gorilas dos países vizinhos. A mando das elites e do capital internacional, o regime pagou o preço de torturar os filhos da classe média para poder massacrar o povo com mais

miséria e o genocídio institucional - re-iniciado sistematicamente após desbaratarem os grupos guerrilheiros. O mesmo extermínio em massa vivido hoje. Mas, uma vez mais nem todos se calam. Prestamos nossa homenagem e respeito aos companheiros de outras organizações que enfrentaram aos milicos sanguinários nas guerrilhas urbanas e rurais, em especial no Rio, São Paulo e no Araguaia. Perdendo ou ganhando, com a tática errada ou não, tombaram de pé escrevendo com o sangue generoso dos que oferecem suas vidas, outra parte da história da libertação dos oprimidos brasileiros.

### **Abertura, democracia burguesa & Movimentos Populares**

Após acabarem também com as oposições formais, o regime militar inventou uma abertura que não foi outra coisa do que deixar passar. De imediato, a mesma “esquerda” dos reformistas fez coro com a milicada e pediu anistia ampla, geral e irrestrita até para os torturadores(!). O país caminhava a passos seguros e atados para longos anos de transição - onde nada saiu do lugar (como já é de costume).

Na eterna história de quem luta, no final da década de 70 o povo reencontrou seus caminhos. Diversos novos movimentos sociais surgem - de mulheres, negros, comunidades de base, ecológico, direitos indígenas - e outros ressurgem como o sindicalismo, marcado pelas greves do ABC metalúrgico e a organização do funcionalismo público. Começa a explodir o problema da população carcerárias e este imundo sistema penal. A miséria cresce nas favelas e periferias também como fruto do “milagre” e do tal bolo que cresceu mas nunca o povo comeu.

No campo, na região do alto rio Uruguai, área da fronteira do norte do Rio Grande do Sul com a Argentina, ressurgem a luta e a esperança. Nos domingos de tarde, debaixo de um pé de figueira, micros e pequenos agricultores começam a se reunir e conversar, para mudar o próprio destino. Inicia a reconquista da terra usurpada pelo latifúndio, é o nascer do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

O sistema ofereceu o paraíso dos conformados e uma vez mais o povo foi ludibriado por vias legalistas. Eleições para o parlamento burguês, para governos municipais e estaduais até chegar a tão esperada eleição para presidente. O que mudou? NADA! Nos empurram goela abaixo partidos pregando a colaboração entre classes, “responsáveis” burocratas sem nenhum compromisso popular e um estado de direito formal com duas leis: o código civil para os ricos e o código penal para os pobres!

Desde a lenta e gradual abertura do regime militar até os dias atuais, após mais de uma década com as regras do jogo democrático-burguês, temos o povo

saturado de falsas promessas a cada quatro anos, sem perspectivas de alternativas de luta, com a pseudo-oposição sendo cúmplice e parceira do sistema (“cidadania, consumidores, contribuintes, direitos e deveres para a legalidade, tribunais da classe dominante, eleitores”) acreditando e convencendo-se das mentiras capitalistas.

É certo que nunca tivemos tantas entidades de base, onde quase todas as classes populares podem, em teoria, estarem organizadas. Também é certo, e infelizmente, que estas mesmas entidades de base nunca foram tão isoladas umas das outras, anesthesiadas pelas bobagens do discurso oficial - postas de lado, como cabide eleitoral do povo enganado .

Alguns raros exemplos escapam desta triste situação, destacadamente o Movimento Sem-Terra. A companheirada do campo, abre com enxada, foice e fâção os caminhos da liberdade para os oprimidos do Brasil. A luta pela terra - luta de todos - é por onde podemos descobrir novos passos na trilha da libertação popular.

Com uma história social tão rica, plena de generosas entregas de vida e luta por parte do nosso povo, é obrigação de todos nós estarmos a altura das lutas populares brasileiras. Como força política organizada dos anarquistas, queremos contribuir nesse imenso mutirão para construirmos uma luta de longo prazo, brigando para termos a chance de começar um processo de Revolução Social Brasileira .

**A tarefa é dura, árdua; o caminho é difícil, perigoso - mas é o único sincero e coerente, e é a caminhada da libertação de nossa gente!**

## **A história que fazemos todos os dias**

Ao contrário do que nos tenta “ensinar” a televisão, o individualismo e o sistema, a história de um povo é o próprio povo quem a faz. Nos momentos que nos juntamos apontando um objetivo onde a maioria dos trabalhadores e oprimidos se sintam participante, aí estamos escrevendo e fazendo a história, a nossa história - protagonizando os nossos destinos. Todos os dias nós a fazemos e todos os dias nossa história e vida são roubadas pelo capitalismo assassino e seus senhores; cotidianamente nós anarquistas tentamos contribuir para que o povo exproprie o destino que tiraram da gente.

No texto acima, sem grandes pretensões científicas, pusemos mais que nada alguns sentimentos dos povos brasileiros - e é desta diversidade que podemos traçar um projeto de Gestão do Poder Popular. Como povo, sempre lutamos desde o primeiro minuto de nossa existência. E sempre lutaremos. Não adianta as elites tentarem nos fazer acreditar que somos “naturalmente vagabundos, palhaços, raça de vira-latas, falsos malandros (otários), pacíficos e conformados”. Somos aquilo que fazemos de nós mesmos e NOSSA HISTÓRIA comprova 500 anos de luta, vida, dor e esperança! Nesta mesma trajetória seguimos ontem, hoje e sempre.

Realçamos, é certo, partes mais marcantes da história dos oprimidos do Brasil. Também é certo que muita coisa ficou de fora. Talvez o mais profundo não tenha entrado, o cotidiano. Não o pusemos porque nós (como povo) não somos burros e sabemos muito bem as condições de vida (ou será de sobrevivência?!) que temos. Também não incluímos diversos tipos de lutas no pedaço de Brasil que antes estava além do sertão, onde nem a historiografia oficial nem a popular chegaram, passagens certamente tão fortes como desconhecidas.

Não estão nem o cotidiano nem as partes “desconhecidas” (apenas dos livros e arquivos dos opressores) somente por tentarmos adequar tempo e espaço gráfico. Não entrou o “mais importante” simplesmente porque isso não existe (ao menos para nós). Do mesmo modo que numa organização revolucionária não

existem tarefas pequenas ou grandes - pois todo e qualquer trabalho para contribuir na libertação de nossa gente é igualmente importante -, na história popular, tanto o cotidiano como o povo em luta são diferentes partes de um mesmo conjunto.

Uma questão prática, toda a nossa história não caberia em trabalho algum. E sabemos bem que qualquer livro, enciclopédia, arquivo, biblioteca, programa de computador, música ou canto são menores do que a vida de qualquer pessoa!

A história a fazemos todos os dias, onde quer que haja povo e cotidiano, há povo em luta. E seja onde for a luta do povo brasileiro, como força política organizada dos anarquistas, fazemos o possível (e por vezes tentamos também o impossível) para ajudar a construir Nossa História, num mutirão **“pela libertação popular que é obra do povo em luta auto-organizado!”**

## Os tempos que vivemos

Estes tempos são duros, difíceis. De nada adianta nos iludirmos que está fácil para a população e os movimentos populares porque não está. Vivemos talvez uma das conjunturas mais árduas da história do Brasil e da América Latina. Mas o primeiro passo para tentar transformar a realidade é saber muito bem onde se pisa, conhecer profundamente o mundo real (e não o das ilusões, novelas ou do sistema legal), vivendo e sobrevivendo junto das camadas mais simples e humildes dos brasileiros.

Parecem números frios mas sabemos que são alarmantes pois cada dígito significa uma vida. Hoje somos mais de 150 milhões de brasileiros. Destes, mais de 35 milhões estão na fome e na miséria. Mais de 60 milhões de brasileiros vivem(?) com menos de 1 salário mínimo, somando um total de 80 milhões de pobres. Temos então mais de 100 milhões de seres humanos vivendo/sobrevivendo na pobreza ou desespero dentro do país. A classe média (sempre diminuindo) gira em torno de 30 milhões. Os ricos e super-ricos (que estão nos padrões acima dos ricos do primeiro mundo), são pouco menos de 10 milhões. Os 10% mais ricos acumulam mais da metade dos ganhos. É por isso que dizemos que quem trabalha não tem tempo para juntar dinheiro!

Tamanha injustiça social já foi assumida até pelos setores mais arrogantes das classes opressoras: “A pobreza no Brasil não é fenômeno de conjuntura, é estrutural” confessa o inimigo. Simplificando, a pobreza é tão brasileira quanto o samba, feijoada, capoeira, batucada e o futebol! Resumindo, desde que inventaram o Brasil (ainda quando o opressor o chamava de Terra de Santa Cruz), inventaram a pobreza e injustiça brasileira. O Brasil produz mais riquezas que toda a América Latina junta e ainda assim tem o mais baixo salário do continente. Das economias industrializadas, este país tem a mais injusta divisão de renda do mundo.

Muito desta pobreza começa quando o ensino renega a educação e o saber popular. Como esse sistema é injusto por natureza, o ensino básico é deprimente e o comum é faltarem vagas nas escolas públicas. Temos 30% de analfabetos e outros

30 % de iletrados (os que mal dominam o idioma e nem conseguem entender o que está escrito num jornal) - e a tendência disso é aumentar .

Outra boa parte da pobreza vem da fome e da situação no campo. 1% dos proprietários rurais (nos quais incluem-se conglomerados de empresas nacionais e multinacionais) são donos de quase 50% das terras cultiváveis. Existem 12 proprietários que são donos de extensões de terras equivalentes em área a países como Alemanha, Bélgica e Suíça juntas. Algumas famílias são latifundiárias há mais de 400 anos! Uma multinacional é dona, na Amazônia, de uma área do tamanho do Rio Grande do Sul. Por outro lado, só os micros e pequenos agricultores produzem para alimentar nossa gente, e mesmo assim não tem incentivos e são expulsos de suas terras. 3 milhões e 100 mil terrenos de cultivo, dos 5 milhões existentes no Brasil, pertencem aos micro/pequenos produtores e cada um tem menos de 10 hectares de terra. Equivalem a 53% das propriedades rurais e são menos de 3%, em tamanho, do total das terras agricultáveis. Estes camponeses são os que plantam para comermos! O conceito de “produtivo” varia de acordo com a classe a qual pertencemos. O sistema capitalista considera “produtivo” as monoculturas (como a soja, café, laranja, cana, reflorestamento para celulose, etc.), as queimadas, o fim das reservas extrativistas, a pecuária extensiva, a compra de terras para especulação financeira e os calotes bancários dos “produtores” rurais. Nós consideramos a essa plantação de misérias como o modo de produção rural do inimigo de classe. Daí só vem mais êxodo e migração, legiões de pessoas sem trabalho estável no campo (como os bóias-frias) e uma máquina de fome e desespero.

Felizmente boa parte dos camponeses já despertou e hoje se organizam para retomar o que é nosso. Infelizmente, o saldo do despertar é um trabalhador rural assassinado por semana na luta por terra e liberdade. Não é à toa que o Movimento Sem-Terra é o único movimento de massas que avança pelas próprias pernas - apesar de tanto sangue derramado. Por terem um projeto de sociedade que começa aqui e agora, por organizarem a classe camponesa em todos os cantos do Brasil, são uma referência e um exemplo a ser seguido.

Depois da Ditadura Militar e mais de dez anos de farsa democrático-burguesa, este sistema viciado encontrou seus meios de estabilizar a miséria. Hoje, mais de 70% dos brasileiros vivem em cidades, sendo que 1 a cada 3 se concentram nas maiores metrópoles (como São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Belém, Vitória, Fortaleza, Campo Grande, etc.), além de algumas cidades pólos de micro-regiões.

É no cotidiano das grandes cidades, quando a 8ª economia do mundo demonstra seu lado mais perverso. Falta de serviços básicos (água, luz, esgoto, condições sanitárias, limpeza, transporte), insegurança nas classes populares (jo-

gando sempre povo contra povo para aumentar a guerra entre os pobres), trabalho, saúde, lazer e educação. Ao contrário de algumas outras economias do continente, o desemprego/sub-emprego (assim como a pobreza) são estruturais - ou seja, mesmo no período escravista já tinha muita gente vivendo de bicos. Nas ruas brasileiras, a economia informal é saída para o desemprego e evita o aumento da criminalidade. Mesmo assim os governos locais fazem questão de reprimir estes trabalhadores e “limpar as ruas”.

Seguindo esta filosofia, limpam as ruas matando nossa gente, os filhos do povo chamados de meninos e meninas de rua. Esquadrões de policiais, comerciantes e traficantes matam crianças que eles mesmos jogaram nas calçadas, debaixo de marquises e viadutos. Temos uma imensa camada da população brasileira funcionando como uma eterna “fábrica” de crianças de rua - aí falta tudo, inclusive a auto-estima, degradada todos os dias pelos meios de comunicação. Outra resposta dos opressores é a esterilização em massa de mulheres pobres (obs: com isso devem querer cortar o “mal” - nós - pela raiz).

No campo da repressão institucional e para-policial, o país vai muito bem, com alto índice de “produtividade”. Temos arapongas e assassinos com fardas de todas as cores e também sem farda. A violência urbana é o antídoto para que os brasileiros não comecem a dar tiros para o lado certo, acertando nesta elite nojenta, seus aliados, lacaios e cães de guarda. Nas favelas e periferias, a vida vale uma garrafa de cerveja ou de cachaça, um acerto de contas, dívidas de favores ou pura bestialidade. Quando não é por nada disso, vem sempre uma bala perdida para levar mais um brasileiro - profissional da esperança - para o inferno. Se estas balas acertam onde não devem - zonas de classe média ou alta - os meios de comunicação fazem escândalos; se matam outro favelado, não falam nada.

Não por uma triste coincidência, a maioria dos pobres, miseráveis, analfabetos, iletrados, presidiários, trabalhadores recebendo salário mínimo, marginalizados são negros/afro-brasileiros. Somos mais de 80 milhões de negros, a segunda maior população de origem africana do mundo! Esta parcela majoritária do nosso povo construiu o país nas costas marcadas, viu suas filhas serem estupradas pelos senhores de escravos, sua fé e cultura proibidas ou apropriadas, sua auto-estima ser quase destruída. O esquema das elites nesse caso é simples: o que for de origem afro e bom (para os opressores) é considerado nacional, o que for ruim, é ilegal! Gradativamente os dominantes foram se apropriando de tudo construído do suor e criatividade dos trabalhadores negros, mas sempre houve e haverá resistência. Tentam nos enganar dizendo que vivemos numa democracia racial, os reformistas falam de superar a discriminação mas nós dizemos que temos é de acabar com a dominação (de classe e de etnia). Com os negros se libertando estará aí a cami-

nhada da libertação de todos os oprimidos brasileiros, e por isso mesmo esta é uma luta de todos!

Ônibus lotados e trens caindo aos pedaços carregam diariamente - como para o abate - a maioria dos habitantes do país com mais televisões que geladeiras. O controle da comunicação - onde 9 famílias detêm mais de 80% dos veículos de massa e a rede Globo cobre 98% do território nacional - foi cuidadosamente implementado pelos militares. Nos bombardeiam com besteiras e mensagens individualistas (tipo: “você tem de vencer, o mundo é dos vencedores, seja também um sucesso” e outras babaquices infestadas de valores das classes dominantes), tentam nos bestializar sofrendo os “dramas” dos ricos nas novelas e fazem um esforço monstruoso para arrasarem com nossas identidades e características regionais. Vez por outra, um novo escândalo de corrupção aparece no noticiário. Depois estréia outra novela e todo mundo “esquece” o quanto nos roubaram de novo (obs: puro engano quem pensa que o povo se esquece, puro engano). Com a mídia impressa (jornais e revistas) não é diferente. Para o brasileiro que não vive sem rádio, cotidianamente os donos das transmissoras o tentam idiotizar. De olho nas novas tecnologias de comunicação, o monopólio já cai em cima de mais esta presa.

Desgraças mil poderíamos citar. Falsidades também, como a indústria da seca, as obras públicas feitas pelas empreiteiras, a corrupção desenfreada, o estado brasileiro é um loteamento das elites e multi-nacionais sangue-sugas - enquanto o salário mínimo cada vez compra menos. Dizem que tem de se desfazer das estatais para desafogar as contas públicas. Mentira! Vendem a preço de banana o patrimônio da classe trabalhadora porque assim mandam os senhores do FMI, Banco Mundial e GATT. Agilizar a máquina do estado e modernizar a economia são as palavras dos tecnocratas. Isso na carne significa milhões de trabalhadores públicos e privados no olho da rua - e também mais miséria, desespero e chacinas. São os tempos neo-liberais, da restauração burguesa babando de ódio quando destrói conquistas históricas dos trabalhadores.

Na última fronteira, no sertão que falta cercar, tocam gente igual a gado para o norte. A Amazônia virou um faroeste caboclo onde quase todo mundo perde e pouquíssimos ganham (madeireiras, mineradoras, grandes traficantes, tudo vinculado a multinacionais e oligarquias da região). O meio ambiente, a floresta e seus habitantes - caboclos, indígenas, seringueiros, agricultores, pescadores e até garimpeiros - vão sendo dizimados.

Ainda temos parte do povo escravizado, como nas zonas carvoeiras, exploração do trabalho infantil, tráfico de mulheres e de crianças e um altíssimo número de prostituição infantil .

As mulheres são a maioria da população. Por trás de uma suposta independência (onde o máximo que existe é uma nova classe composta de mulheres exploradoras) seguem a dominação machista e o sexismo. Os salários das mulheres são mais baixos, a repressão da patronal contra gestantes e mães (falta creches para as trabalhadoras deixarem seus filhos), a exploração como objeto sexual (o corpo da mulher como um artigo de consumo) e a dupla jornada de trabalho. Vemos talvez a maior categoria trabalhadora brasileira, as empregadas domésticas (fixas ou diaristas), com toda sua vida atrelada à família do patrão. Sonham os sonhos dos milionários das novelas, tem sua auto-estima agredida todos os dias (por vezes, recordando o escravismo, os filhos dos donos da casa, ou o próprio dono, as usam como iniciação ou objeto sexual) e quase nenhum direito (a maioria nem carteira assinada tem). São ensinadas a pensarem que “a patroa é boa para mim pois me considera como se fosse da família(!?)”. Não por outra triste coincidência, a maioria das domésticas são negras ou migrantes. Domésticas, serventes, faxineiras, camponesas, secretárias e mulheres com o destino marcado, são a maioria das mães solteiras. Além disso, seguem as abomináveis violências contra a mulher, como o estupro e o espancamento. Por mais que o sistema dê algumas migalhas estas nunca alcançam nem podem satisfazer. A satisfação está quando mais e mais mulheres participam dos movimentos populares, lutando em coletivo para se libertarem da opressão milenar e nesse processo ajudam a transformar a toda a sociedade.

Uma das verdades mais duras, é que o Brasil ainda é um país marcado pelo escravismo. De forma direta e indireta. Estão aí os salários de miséria, centrais sindicais pelegas ou reformistas (cúmplices do fascismo-corporativismo sindical, aceitando o imposto sindical, a CLT, os tribunais trabalhistas - que sempre julgam as greves ilegítimas e ilegais - e reconhecendo os sindicatos oficiais), um monte de gente pobre com cabeça de capitão-do-mato (sentindo ódio dos irmãos de sina, incorporando os valores e os “doces” sentimentos dos senhores), uma minoria que faz o que quer e tem cabeça e atitudes de “sinhô” (esse é o ditado, “manda quem pode e obedece quem tem juízo”) e uma maldita noção de que “todos contribuímos para construir o Brasil” (obs: seria a hora de perguntar:- Todos quem?! Quem estuprou e chacinou ou os filhos da conquista?!). Mais, estão aí as portas dos fundos, escadas e elevadores de serviço e os quartos de empregada; fisicamente nos dizem quais são os lugares destinados ao povo trabalhador brasileiro. O que esta corja que nos domina sabe bastante bem, e muito melhor que nós, é que quando “essa gente bronzada mostra seu valor e toda sua dor”, é quase impossível deles nos segurarem. Das senzalas modernas, com todos seus feitores, cagüetas, traíras, jagunços e senhores, se fizermos bem a nossa parte, como povo temos a chance de nos libertar de suas correntes e chibatadas.

Por parte das elites, estão em outro modelo acumulativo. Encheram o país de dívida externa contraída para grandes obras (e o povo que paga a conta), sufocaram a economia com inflação (eles lucravam na ciranda financeira, e nós?) e faz uns tempos resolveram estabilizar a miséria. O mercado regional da América do Sul, iniciado pelo Mercosul, vai se expandindo. Os 40 milhões de consumidores brasileiros, talvez num primeiro momento, aumentem um pouco com a expansão do mercado de baixa renda. Mas todos sabemos que no projeto de integração de mercados não está um prato de arroz e feijão nem três refeições por dia no estômago de nossa gente.

Mas isso para eles pouco importa. A única elite latino-americana com potencial expansionista se anima outra vez. É como no sub-imperialismo do segundo reinado, vem de novo toda a baboseira do Brasil Grande, país do futuro, líder e potência regional, fator fundamental na geo-política da América Latina como dizem os milicos. Só que agora nosso povo não acredita nos enganos tipo “ameo-o ou deixe-o, moro num país que vai prá frente, todos juntos vamos” e outras palhaçadas do gênero nacional-ufanista. Nada disso funciona mais! Sabemos que a imensa maioria dos brasileiros e hermanos do continente não estão no projeto de integração regional de mercados. Ou buscamos nossa própria saída, ou vamos pelo ralo.

É aí que outra vez vemos nosso povo sem uma esquerda a altura das lutas sociais brasileiras. Seria injusto citar este ou aquele partido pois quase todas correntes desta “esquerda” afundam numa medíocre e vergonhosa cumplicidade com este sistema assassino. Pouco nos importa a babaquice de tentar ser feliz a cada 4 anos! Sabemos que ainda tem muita gente disposta nas bases de todos os movimentos sindicais e populares e milhões e milhões de oprimidos brasileiros para entrar na luta. É esta a Esquerda que nos interessa. Esta é a companheirada da militância sincera, dedicada e disposta. E só contamos uns com os outros .

Como força política organizada dos anarquistas, nos somamos aos companheiros e companheiras dos Movimentos Populares. Lado a lado com nossa gente, sempre. Para conquistar terra, trabalho, moradia, saúde, educação, lazer, vida comunitária, dignidade e auto-estima. Para podermos, numa luta de longo prazo, ter a chance de tomar nossas vidas e destinos nas mãos, temos de escrever Nossa História com:

**A mão estendida e os braços abertos aos companheiros**

**&**

**O punho fechado para golpear o inimigo!!!**

## O que fazer

### A Construção Anarquista Brasileira

Em janeiro de 1995 começaram relações entre militantes anarquistas brasileiros e a organização co-irmã Federação Anarquista Uruguaia (FAU). A princípio eram apenas relações fraternas e trocas de informações. A partir de outubro de 1995 as relações tornaram-se orgânicas com diversos grupos que buscavam um anarquismo com raízes populares e de característica militante-combativa-coletiva-organizada. Tudo caminhava ao encontro de uma proposta concreta, realista mas ousada. Analisando em conjunto todo o potencial de crescimento do anarquismo no Brasil, e da importância deste crescimento para a luta libertária na América Latina, resolvemos começar uma Construção de longo prazo.

Como primeiro passo, estipulamos uma meta para o prazo determinado. Decidimos para o curto prazo = 5 anos (1996/2001) construir instâncias específicas do anarquismo como força política organizada. Estas instâncias seriam construídas ao nível local (ex: cidades), micro-regional (ex: sul do Pará, Vale do Jequitinhonha, zona canavieira de Pernambuco, capitais e suas áreas metropolitanas) e estadual (RJ, RS, AL, AC, DF, SE, etc.). Estipulamos assim o crescimento devido às dimensões continentais do Brasil, suas diversidades regionais (existem vários brasis e todos sabemos disso) e também por sabermos que só um trabalho “de formiga”, verdadeiramente de base - num longo prazo - pode construir uma Organização Anarquista efetiva a nível nacional.

Decidimos duas dimensões para a força política organizada dos anarquistas. O grupo-orgânico(g-o) e a organização anarquista (o-a). O g-o é uma estrutura simples (5 a 20 militantes), com divisão de tarefas internas e funciona como semente da organização. A o-a é uma estrutura mais completa (mais de 20 militantes), instâncias internas (secretariados, agrupações das frentes de inserção, conselho, etc.) e uma capacidade de se potencializar cada vez mais. Ambas dimensões sempre

apontam para uma estratégia de crescimento militante e se aprofundam nas raízes dos movimentos populares.

Conceituamos esta primeira meta como uma etapa (inicial) da caminhada de longo prazo, rumo à uma Organização Anarquista para todo o Brasil - coordenada com organizações co-irmãs dos países do continente latino-americano. Neste primeiro momento (1996/2001) todos os g-o(s) e o-a(s) tem em comum: .método, .conceitos, .dinâmica interna, .programa, .plataforma, .projeto, .processo, .instâncias, .trabalho coordenado, .estratégia, .estilo; sempre adequados à realidade de cada lugar.

Os pontos básicos são sempre a Inserção Social, Lutas e Movimentos Populares e a contribuição de cada tarefa militante com um Processo Revolucionário.

Esta caminhada, tanto no primeiro momento (curto prazo = 5 anos = 1996/2001) como no longo prazo é chamada de Construção Anarquista Brasileira.

**Vamos à ela, porque temos muito para construir.**

## **Introdução ao método do grupo-orgânico**

Das duas instâncias da força política específica dos anarquistas - a o-a e o g-o -, vamos neste documento nos aprofundar um pouco sobre o g-o, uma vez que esse está mais próximo das dezenas de pequenos grupos e aglomerados hoje existentes em muitas cidades e regiões brasileiras. Também como uma orientação aos diversos companheiros que se encontram geograficamente isolados e hoje não tem perspectivas de acumular trabalho militante para formar um grupo-orgânico. Esperamos com este método introdutório poder contribuir para um aumento da organicidade do anarquismo no Brasil e também, acreditando na capacidade e dedicação de nossa militância, para que esta se organize e se some à Construção.

### **Definição:**

Grupo-orgânico (g-o) é a semente da organização anarquista (o-a). Com um mínimo de 5 companheiros (e indicamos com um máximo de 20, porque a partir deste número de militantes já se pode saltar para a estrutura da o-a) se pode começar. O g-o é uma força política anarquista ágil e dinâmica, essencialmente baseada no trabalho coletivo e na capacitação de seus membros para mais de uma tarefa.

O g-o tem vários planos de trabalho e de atividades. Vamos expor, de forma condensada, alguns destes planos e suas concepções.

### **Divisão de tarefas internas**

Partindo do princípio de que são no mínimo 5 militantes, propomos 5 tarefas internas básicas. Estas são definidas pelo coletivo do grupo que indica o companheiro para a função. A não ser por casos incomuns, o companheiro escolhido acata a indicação do coletivo. As tarefas internas são de carácter executivo e não implicam nem podem vir a implicar nenhum privilégio dentro do g-o. O coletivo

designa o companheiro para a tarefa por um prazo determinado (ex: 1 ano), devendo este companheiro durante o período no encargo, ter também a tarefa de transmitir o conhecimento adquirido. Um grupo ou organização política tem capacidade de expansão quanto maior for a capacidade de seus membros assumirem diferentes tarefas e formas de trabalho. Por isso o g-o propõe o revezamento nas tarefas internas e a capacitação de seus membros para assumí-las. Tanto o revezamento quanto o aumento da capacitação são deveres do coletivo e de seus membros.

### **As 5 divisões internas básicas são:**

**1) companheiro de organização** - encarregado de levar os acordos internos e estratégias gerais do g-o definidos em Carta Orgânica, Declaração de Princípios e Congressos do grupo. Acompanha todos os militantes em cada trabalho coletivo e/ou individual de inserção social (pois onde estiver um membro do g-o, está a força política organizada dos anarquistas). Convoca as reuniões do g-o. Analisa e propõe ajustes na militância do grupo e sempre busca caminhos de crescimento com saltos qualitativos (e também quantitativos). Estuda e aumenta o conhecimento do g-o sobre diversos sistemas organizativos (ex: como funciona a autogestão em larga escala, as propostas de organização e método de outras forças políticas e todos os sistemas de funcionamento e controle impostos pelo inimigo de classe tais como: estado-burocrático-nacional, associações patronais, multinacionais, forças de repressão, “justiça” burguesa, etc.);

**2) companheiro de propaganda** - encarregado de traçar as políticas de comunicação e viabilizar os materiais de informação e propaganda produzidos pelo g-o (ex: boletins, jornais, livros, cartazes, adesivos, camisetas, faixas, bandeiras, murais, programas de rádio, fitas, vídeos, programas de computador, jornal eletrônico, informativo via fax, etc.). Busca linguagens adequadas aos meios onde o g-o se insere e também projetos políticos com novas tecnologias de comunicação e veículos livres (ex: rádios livres, vídeos populares, TVs comunitárias, redes alternativas de computador, etc.). Articula alianças com manifestações artísticas populares e uma vinculação destas com os movimentos de base (ex: um apoio permanente de grupos de teatro, música, folclore, desenho, etc. - para as atividades do g-o). Estuda e aumenta o conhecimento do g-o sobre mídia e comunicação;

**3) companheiro de finanças** - encarregado de traçar políticas financeiras para o g-o, de buscar os recursos necessários para o desenvolvimento dos trabalhos do grupo (como por exemplo criando fundações e ONGs) e de gerar um projeto de

autonomia financeira para o g-o. Também se encarrega, junto da parte financeira, de montar uma infra-estrutura (ex: local próprio para as reuniões, computador e impressora, fundo permanente, estoque de material de propaganda e formação, etc). Orienta a militância na preservação e ampliação da infra-estrutura do g-o. Estuda e busca conhecer os rumos da economia, aumentando o conhecimento do g-o nessa área do saber e da dominação de classe. Propõe políticas autogestionárias para os movimentos de massas (ex: cooperativas de trabalhadores livres, mutirões em comunidades de base, fundo comum de movimentos populares, redes de assessoria popular - colocando o saber científico a serviço da classe oprimida, etc.). Procura montar um corpo de assessoria com especialistas em áreas sociais de interesse (ex: o g-o vai promover uma ocupação urbana. Nesse caso, é fundamental poder contar com gente de enfermagem, sanitarismo, pedagogia, topógrafos - para medir o terreno - arquitetos - para ajudar na construção de uma habitação digna e barata, etc.) Também tem a tarefa de buscar acompanhamento jurídico-legal, tanto para os trabalhos de base mais difíceis, como para o dia-dia da militância;

**4) companheiro de relações** - encarregado de traçar uma política de relações do g-o com os demais grupos e organizações anarquistas, movimentos de cunho libertário, demais setores da esquerda, movimentos populares e áreas semi-institucionais (universidades, conselhos, fundações, ONGs, institutos de pesquisa, organismos de direitos humanos, ecológicos, etc.). Tem a função de levar a contribuição do g-o para a Construção (coordenando com outros participantes deste projeto político, ajudando a formar outros g-o e o-a, divulgando os acordos nacionais, levando as concepções da força política organizada dos anarquistas para todos os lugares) e de aumentar a coordenação entre as organizações co-irmãs latino-americanas. Potencializa todo o campo libertário atingido pelo g-o para que de alguma forma ajudem nos trabalhos da Construção.

Estuda e aumenta o conhecimento do g-o na área de relações internacionais e da posição do estado brasileiro nos diversos cenários onde o inimigo de classe, seu estado (país) e as empresas que o comandam (nacionais ou multinacionais) aplicam a política externa de potência regional sub-imperialista;

**5) companheiro de formação política** - encarregado do nível e profundidade ideológica do g-o. Acompanha e auxilia toda a militância num aumento de sua capacidade de formulação política e de aplicação destes conceitos na realidade e nos meios onde o g-o se insere. Aprofunda todas as problemáticas históricas, atuais e futuras, do anarquismo, assim como das idéias socialistas (e de outras correntes de esquerda) e dos movimentos populares. Busca na trajetória das lutas sociais de

nosso povo e hermanos do continente exemplos e saídas contemporâneas para as questões que surgem. Projeta e viabiliza a formação política em todos os trabalhos de inserção do g-o - associando as conquistas dos direitos e necessidades básicas com a transformação de valores, pensamento, ética e conduta dos indivíduos e coletividades. Estuda e aumenta a capacidade de formação política do coletivo e seus militantes, tendo como objetivo capacitar todos os companheiros para serem eficazes teóricos e práticos da ideologia anarquista.

**OBS:** caso seja impraticável de imediato esta divisão de tarefas, indicamos que cada g-o tenha no mínimo 1 secretário e 1 tesoureiro. Mas a meta é capacitar o g-o para a divisão de tarefas internas proposta acima.

### **Infra-estrutura básica**

Uma caixa postal, um lugar fechado e privativo para as reuniões que são semanais com dia/hora/local fixos (Atenção! nada de praças ou parques, privacidade do g-o para suas discussões e elaborações), boletim periódico mensal (é no mínimo mensal, se houver condições de tirar por quinzena ou por semana, melhor; nem que seja apenas uma folha ofício frente e verso fotocopiada), material para discussão e formulação política - histórico e atual (de preferência com fontes atualizadas e fazendo um esforço para que os conceitos utilizados saiam de discussões e elaborações internas do g-o, sugerimos montar uma pequena biblioteca interna com estes materiais), caixa do g-o - seja com contribuições individuais dos militantes e/ou com políticas de finanças do grupo, pequeno arquivo do g-o - com correspondência, atas de reuniões, materiais de interesse, etc.(de preferência, este arquivo todo ou quase-todo no computador).

A infra-estrutura acompanha todas as atividades militantes. Sem ela é impossível conseguirmos inserção social e nunca iremos ter a profundidade necessária para gerir uma ou mais Autogestões Populares em média ou larga escala. Montar, manter e aumentar a infra-estrutura é dever de todos os militantes. Assim como buscar meios para gerar mais e mais infra-estrutura e fundos - o que significa uma capacidade crescente de recursos para os trabalhos políticos. Ou seja, a infra-estrutura é fundamental, e cresce junto com a organicidade de todo o g-o e da o-a.

### **Instâncias internas**

**Reuniões** - é na dinâmica interna e nos trabalhos de base de um grupo/organização anarquista, onde se vê muito do projeto político proposto. As reuniões são uma

instância importantíssima, pois como coletivo, é aí que as coisas se decidem. Fazemos reuniões deliberativas porque ao contrário dos patrões, militares, políticos, tecnocratas e reformistas/autoritários não acreditamos nem toleramos qualquer hierarquia. Por isso, o g-o tem como uma de suas características a pontualidade, o compromisso com a instância de reunião e com os companheiros que dela fazem parte, a calma - raciocínio político - e a serenidade na hora de discutir e deliberar, a responsabilidade de cada companheiro/a ao saber que se está propondo algo é porque vai assumir/ajudar na tarefa proposta. Como coletivo anarquista, o g-o tem de delegar responsabilidades a seus membros - assim indicamos que toda e qualquer tarefa tenha um militante responsável apontado e um prazo para ser concretizada. Indicamos também que se faça uma pauta para cada reunião - onde se anotam os temas e os resumos das discussões (Atenção! nomes dos companheiros presentes e local das reuniões, não! - por precaução e segurança). A instância coletiva de discussão tem de dar resposta aos problemas concretos dos trabalhos de inserção, da vida interna do g-o e também da formação política - por isso indicamos que as reuniões dividam-se em temas do dia-dia dos trabalhos militantes e da formação ideológica (ex: uma reunião sobre a intervenção do g-o no movimento estudantil secundarista da rede pública, necessariamente tem de abordar temas como: projeto de educação popular-libertária, políticas do MEC e das secretarias municipal e estadual de educação, aliança com os sindicatos de profissionais da educação, conjuntura das forças políticas do M.E., conselho comunidade-escola, etc.)

**Método decisório** - é a busca do consenso, com decisões orientadas pelos princípios anarquistas, tudo sempre adequado a realidade onde o g-o se insere. Caso o consenso não for atingido e a questão estiver no prazo decisório (ex: atividade urgente para o dia 10 e até o dia 8 o g-o não conseguiu uma posição consensual), a decisão será por votação e todos os militantes acatam o que for votado. Mas, reforçamos a orientação e a busca por um consenso responsável e comprometido com as causas populares.

**Acordos e Princípios** - o g-o tem elaboração política e uma discussão coletiva de onde tira um resumo de seu pensamento e projeto de ação social. A isto chamamos Declaração de Princípios, um consenso da ideologia e do trabalho orgânico ao qual todo o público pode e deve ficar sabendo. A Declaração de Princípios funciona como material de propaganda e divulgação básico.

O g-o tem um conjunto de acordos internos referentes ao funcionamento do grupo e da conduta de seus membros. A isto chamamos de Carta Orgânica, a qual o acesso é restrito aos militantes do g-o (material interno).

O g-o tem como instância decisória máxima o Congresso. Este é convocado por um determinado período de tempo (ex: de 3 em 3 anos) e pode ser com temas gerais ou temas específicos (ex: tema de “estratégias de inserção social para um prazo determinado”). Somente o Congresso altera a Declaração de Princípios, a Carta Orgânica ou a estrutura interna (ex: quando um g-o já conta com mais de 20 militantes e deseja passar para a estrutura de organização). Ao Congresso tem acesso somente os militantes do g-o e convidados (ex: algum grupo ou organização anarquista co-irmã do Brasil ou América Latina, que envia delegados-observadores para o congresso).

### **Orientações básicas**

A partir da adequação dos princípios anarquistas às nossas realidades traçamos três orientações para os g-o(s) e o-a(s) da Construção:

**Inserção Social** - porque somente quando inseridos nos meios populares é que existimos como força política organizada. Na inserção social construímos os alicerces para nosso trabalho militante. Expandindo a inserção, teremos mais chances de capacitar o g-o como impulsionador de uma ação coordenada nas lutas do povo. E o mais importante, nunca podemos nos esquecer que inserção é estarmos todos os dias, 365 dias por ano, lado a lado com nossa gente, colocando a ideologia e prática anarquista de encontro aos anseios e necessidades populares;

**Lutas e Movimentos Populares** - é o fruto direto de nossa inserção, pois nos inserimos para organizar-impulsionar-avançar o povo em luta. Mesmo quando não são fruto direto de nosso trabalho, temos de estar juntos de todos os Movimentos Populares, colocando nosso projeto político na realidade, tornando viável o avanço do povo auto-organizado;

**Processo Revolucionário** - dentro de cada tarefa militante diária temos sempre definidas a estas tarefas e trabalhos como contribuições para um processo de longo prazo para a transformação da sociedade. Isto é, um processo de ruptura revolucionária, ao qual chamamos de Processo Revolucionário Social. É este o nosso objetivo como força política organizada anarquista e para isto levamos nossa luta libertária, coletiva e cotidiana.

## O Trabalho em uma área geográfica

Uma das características da Construção é a identidade com o meio onde nos inserimos. Como o Brasil tem dimensões continentais e uma enorme população (somos mais de 150 milhões), cada g-o e o-a, realisticamente tem de definir sua área geográfica de trabalho político e pouco a pouco ir tentando ampliá-la. Supondo que um g-o oriundo de uma cidade X definiu a esta cidade e sua periferia como área de inserção. Uma orientação básica é saber o terreno onde se pisa, onde vivemos e tentamos levar uma luta organizada de longo prazo. Boa parte desse saber pode estar em fazer um questionário básico e buscar as respostas para ele. Um exemplo de questionário pode ser:

**1)** A realidade sócio-econômica da cidade e região, apontando os setores mais fortes da economia e suas articulações políticas, o cotidiano de vida das classes oprimidas (ex: fontes de renda, perfil das periferias e bairros pobres, nível de violência policial ou para-militar - como esquadrões da morte, pistoleiros, justiceiros, etc. -, quantidade de hospitais e escolas públicas e suas demandas, a porcentagem de moradores negros e os graus de violência e dominação étnico-racial, etc.) e os projetos da classe dominante para a área.

**2)** Um mapa (tipo raio X) político da área, com a estrutura e alicerces do poder, a vinculação dos grupos econômicos e políticos, as esferas de aliança entre instituições estatais e empresas com interesses na região. As alianças das oligarquias regionais e estaduais com o poder em Brasília e com as multinacionais. Também as características dos grupos de esquerda e movimentos populares e se há referente histórico de resistência ou luta de classes na área (e qual o perfil desta luta).

**3)** Saber minimamente quais são as necessidades básicas da população da área para serem conquistadas (ex: uma escola pública para um bairro de periferia, através de um mutirão construir uma creche comunitária; se for área rural, criar um sindicato combativo e classista para a maior categoria de trabalhadores rurais ou atuar como tendência libertária no sindicato já existente - como numa zona de cana de açúcar, junto aos bóias-frias - e, o mais importante, tentar levar o MST para a área). Saber também o nível de combatividade e capacidade de organização da população local, sua escala de valores e o imaginário popular (se existem figuras, mesmo que folclóricas, de resistência popular - ex: o canção - e saber utilizá-las para o trabalho político do g-o).

Estes são mais que dados e informações. São orientações básicas para uma radiografia da área, elementos para que o g-o possa ter conceitos realistas e não ilusões ou falsas esperanças. Qualquer ajuste ou reajuste da estratégia militante depende necessariamente de saber o meio onde se está inserido e o projeto político do g-o. Sempre tendo em conta que quanto mais inserção, mais capacidade militante e situações novas surgirão - as quais necessariamente vão obrigar o g-o a conhecer mais e mais a área de trabalho militante.

### **Teoria revolucionária & Ideologia anarquista**

Um grupo/organização anarquista tem instrumentos materiais e teóricos para tentar ajudar na transformação da realidade. O instrumental teórico surge a partir da realidade somada ao projeto político do g-o e suas concepções do anarquismo e da sociedade. Não existe militância política efetiva sem teoria revolucionária. A teoria é a capacidade que temos como força política organizada de formular conceitos e categorias que nos orientam para o trabalho de base cotidiano. Sem os conceitos ideológicos (estes, ferramentas de trabalho assim como uma enxada, um martelo, um bisturi, etc.) estamos apenas reagindo e não agindo. Porque, sem os nossos conceitos, estamos “pensando” com a cabeça do inimigo de classe - ou seja, esta elite nojenta que combatemos estará sempre dentro de nossas mentes. Com os conceitos teóricos bem ajustados, podemos interpretar o inimigo com nossos olhos e aí é certo de encontrarmos meios para combatê-lo. Os conceitos (ferramentas de trabalho político) são formulados com a incidência na realidade somada a nossa orientação ideológica anarquista. Exemplo de conceitos são as definições para: classe, povo, luta, processo, ideologia, sistema, dominação, sujeitos sociais e etc.

Com nossas ferramentas sempre bem ajustadas e atualizadas - sem abrir mão dos princípios anarquistas orientadores - podemos dar o passo básico para enfrentar o inimigo de classe: Planejamento e projeto. Podemos garantir que, nesse exato momento, militares, executivos, tecnocratas, industriais, banqueiros, mafiosos, políticos e os demais membros desta corja assassina tem diversos grupos de técnicos e especialistas pesquisando e analisando todas as áreas do saber humano para melhor nos explorar e dominar. Tendo o g-o uma ação planejada, com base a análises realistas da sociedade, tem a eficiência necessária para construir um caminho de lutas sociais onde nosso povo se sinta participante no cotidiano. Aí sim, podemos colocar o anarquismo a serviço de nossa classe e influir nos valores básicos das coletividades onde nos inserimos. Tanto valores da vida pessoal como políticos podem ser transformados através da luta libertária - e com os conceitos

(ferramentas), categorias teóricas, planejamento e ação concreta, podemos num longo prazo ameaçar em sério o capitalismo, seus assassinos e mandantes.

Outra característica da formulação política do g-o, é produzir materiais simples e didáticos para os trabalhos de inserção social. Ex: apostilas para a formação de grêmios livres, associações de moradores, sindicatos classistas e todo e qualquer movimento popular onde o g-o estiver. É fundamental porque aí mais pessoas podem se somar à nossa luta em instâncias de base. Ao somarem-se, aos poucos vão adquirindo o estilo da militância anarquista (combatividade, compromisso, classismo, auto-disciplina, etc.) - e com materiais didáticos, vamos socializando o “fazer político”, ampliando as chances de mais pessoas comuns se organizarem na defesa e no avanço das conquistas populares. Importante, temos de nos adequar às novas tecnologias - assim, estes materiais de formação tem de ser simples e eficientes (ex: os textos podem ser produzidos em computador e distribuimos a impressão e os disquetes, vídeos de formação militante, educação radiofônica, etc.).

A formulação de uma teoria revolucionária da ideologia e força política organizada dos anarquistas é tarefa tão fundamental quanto um panfleto, reunião, boletim ou se inserir nos movimentos populares.

## **Movimentos Populares & o g-o**

Todos os membros do g-o tem trabalho interno e externo (militância de base). É sempre recomendável iniciar um trabalho de inserção em bases onde os militantes do g-o estejam naturalmente dentro ou seja mais fácil de se inserirem. Mas, quando não existem estas condições prévias, um projeto político de aproximação e inserção pode tornar viável o trabalho de base - ainda que num primeiro momento seja mais difícil.

O g-o tem de saber avaliar suas forças e nunca assumir mais tarefas de inserção do que aquelas que pode sustentar. É um projeto político permanente, aumentar a capacidade de inserção do g-o para o maior número de segmentos populares possível.

Exemplos de segmentos populares para militarmos são: negros, mulheres, trabalhadores, camponeses, servidores, marginalizados, estudantes, homossexuais, indígenas, presos sociais, comunidades de base (como favelas, periferias, bairros pobres, vilas, loteamentos, assentamentos e ocupações - rurais e urbanas -, cohabs, cortiços, pequenas cidades e arraiais do interior), etc.

Exemplos de questões de interesse para militarmos são: ecologia social, direitos humanos, democratizar os meios de comunicação (criando rádios livres,

vídeos populares, TVs comunitárias, imprensa popular e acesso à informática), aids, repressão policial, para-policial e institucional, solidariedade internacional, contra a prostituição de menores e o trabalho infantil, anti-militarismo (ex: o fim do serviço militar), legalizar o aborto, contra o voto obrigatório (e pelo voto nulo!), discriminalizar as drogas, assessoria jurídico-popular, pedagogia libertária e educação popular (ex: trabalhos de alfabetização de adultos), etc.

Exemplos de necessidades básicas para conquistarmos são: terra, trabalho, saúde, moradia, educação, saneamento, luz, água, alimentação, lazer, cultura popular, vida comunitária, etc.

Exemplos de entidades de base para militarmos, brigando para transformar a elas em sementes da Autogestão Popular, são: sindicatos, associações de moradores, grêmios estudantis, movimentos negro, de mulheres, dos trabalhadores rurais e camponeses sem-terra, de menores, presidiários, de folclore, de cultura negra, regional e popular, etc.

Um fruto direto da inserção social é conseguirmos mais e mais simpatizantes, gente de acordo com nosso trabalho, estilo e métodos, sem necessariamente se definirem como anarquistas. Uma característica do g-o é levar as propostas anarquistas para o dia-dia das lutas concretas. Isso gera uma tendência de movimento popular, e é um de nossos objetivos como força política organizada. Assim, onde quer que o g-o tenha inserção, que forme um “trabalho de tendência libertária e combativa”, aglutinando todos/as de acordo com nosso estilo militante. As “tendências libertárias” funcionam como grupos abertos para a entrada de qualquer militante de base e são construídas em cada luta específica. Ex: a atuação do g-o no movimento sindical, feita por 5 militantes anarquistas, aglutina em torno de si um grupo aberto com mais 15 militantes sindicais que tem práticas semelhantes às nossas. Todos estes, militantes anarquistas e os de tendência libertária, levam nossas propostas para o movimento sindical onde o g-o se insere. Certamente, destes militantes sindicais do grupo aberto, sairão novos militantes para o g-o e também vão aglutinar mais gente para a tendência combativa .

Temos de estar nestas lutas específicas e trabalhar pela unificação e auto-gestão de todas elas. Para que somadas, e dentro de um projeto de transformação, possamos ter uma chance de processo de ruptura revolucionária através do povo auto-organizado. É tarefa e estratégia do g-o como força política organizada defender o protagonismo dos Movimentos Populares e seus avanços.

**A anarquia, num país de famintos, miseráveis e analfabetos como o Brasil, é antes de mais nada um prato de comida conquistado! Cabe ao g-o tornar-se meio e ferramenta para esta e demais conquistas.**

## Frentes de inserção & crescimento orgânico

O g-o necessariamente é a semente da organização anarquista e para esta semente brotar criando raízes populares, tem de crescer organicamente em frentes de inserção. Como já dissemos, o g-o é uma estrutura ágil, onde seus membros (5 a 20) tem capacidade para exercer mais de uma tarefa - tanto interna quanto externa. Mas, para atingir a hora do salto para a o-a, é necessário aos poucos ir criando frentes de inserção para os diversos setores dos movimentos populares.

Uma frente de inserção do g-o (ex: frente sindical, estudantil, comunitária, negra, camponesa, etc.) surge quando há incidência em um setor e o grupo tem a capacidade de contar com no mínimo 5 companheiros/as para aquela área. Ex: 5 militantes que vivam em uma mesma periferia podem começar um trabalho comunitário ali, sendo esta a frente comunitária - agrupação da periferia X. Caso se somem outros 5 de outra área, tendo avaliado o g-o a importância de se jogar peso no trabalho comunitário, forma-se a agrupação da periferia Y, também pertencente a frente comunitária.

Não se devem abrir frentes - nem outras agrupações destas frentes de inserção - se o g-o não contar com menos de 5 companheiros/as para militar aí. Ao mesmo tempo, pela complexidade da sociedade brasileira, o g-o tem de abrir quantas frentes puder, desde que tenha condições orgânicas de fazer um trabalho planejado em cada segmento popular onde se insere.

É fundamental para o sucesso de uma frente de inserção, que o g-o tenha projeto político para esta frente. Ou seja, tenha um objetivo concreto, um perfil do militante de base que aí irá formar e o peso político desta frente para a sociedade e para o projeto coletivo de todo o g-o. Para isso é fundamental conhecer as características da frente de inserção e todas as suas possibilidades.

**Ex:** O g-o conta com 5 companheiras dispostas para iniciar uma frente feminista. O coletivo avalia a importância desta frente e há consenso em começar o trabalho. O g-o, através destas 5 companheiras, terá de conhecer a história do movimento feminista no Brasil (histórico e contemporâneo), quais são as forças políticas que hoje atuam aí e as posições das mulheres de classe média - que dominam o discurso reivindicativo da mulher até hoje. Munidas do referencial histórico combativo (ex: no 8 de março, 120 operárias anarquistas estavam em greve de ocupação numa fábrica de tecidos e o patrão botou fogo no local, com as companheiras dentro!) e conhecimento do terreno no campo institucional, das forças políticas deste movimento específico e de sua composição de classes e etnia, o g-o (através de sua frente feminista) já pode começar lutas concretas para a causa da mulher. Assim lutar pelas condições básicas da dignidade das mulheres

trabalhadoras negras e de periferia, do campo e da cidade tais como: salários iguais, creche no local de trabalho, contra a esterilização de mulheres pobres, atendimento de saúde adequado na rede hospitalar, legalizar o aborto, auto-defesa da mulher contra a violência sexual, trabalho político com as presas sociais, rede de apoio as mães solteiras, etc. Com tudo isso, somado ao discurso adequado para o meio (surgido deste próprio meio), e já pode o g-o e sua frente feminista traçar um perfil da militância de tendência combativa que aí queremos gerar e das futuras militantes para o g-o surgidas a partir deste trabalho de inserção .

O g-o pode e deve planejar-se para conseguir abrir frentes de inserção em setores que este considere prioritários (ex: área urbana - negros e ocupações para moradia; área rural - junto ao Mov. Sem-Terra). Uma vez definido como objetivo do grupo abrir uma frente, todos trabalham para isso, mesmo que leve 2 ou 3 anos para alcançar a meta planejada.

Seguindo o caminho do crescimento orgânico, indicamos que quando um g-o tiver 20 militantes, três frentes de inserção social (com no mínimo uma agrupação de 5 companheiros em cada frente) e capacidade de trabalho orgânico comprovada, é este o momento de dar o salto de g-o para o-a. Isto implica potencializar mais os militantes e criar novas instâncias internas (como secretariados, um para cada uma das cinco divisões de tarefas internas do g-o; estabelecer as frentes de inserção e suas agrupações; criar um conselho da organização - para tomar as decisões da o-a - com delegados das agrupações e dos secretariados, etc.). Isto implica um congresso para o “salto de organicidade“ e ainda mais compromisso e tarefas militantes.

## **A rede de apoio**

Quando dizemos em todos os momentos **INSERÇÃO SOCIAL**, é por ser esta a única forma de gerarmos correntes de ação, valores, pensamento e conduta libertária no seio do povo. Isto significa, diferentes níveis de compromisso para com nossa causa; desde o mais esporádico e irregular simpatizante até o mais ferrenho militante orgânico. Não estamos classificando em hierarquias, apenas explicitando o óbvio: de cada um de acordo com suas possibilidades, todos podem ter algo para contribuir com a luta anarquista e popular.

Com a inserção, o que temos é um número cada vez maior de gente com distintos níveis de compromisso e dedicação. Aí, cabe ao g-o formar uma rede de apoio com todos os que se aglutinam ao redor do nosso trabalho de base e político. O g-o tem de potencializar ao máximo essa rede de apoio, abrindo a possibilidade de todos contribuírem com a luta. Um militante anarquista e seu grupo/organização

tem de ampliar cada vez mais sua rede de contatos, simpatizantes, colaboradores e companheiros de base, sabendo que desta rede sairão os apoios necessários e também mais militantes orgânicos para o g-o.

Como orientação, o g-o tem de conhecer bem o meio libertário e ser o peso político deste. Um método simples de ampliar e solidificar a rede de apoios - libertária e de base - é através da circulação do boletim e materiais do grupo e também chamando sempre para colaborar em tarefas concretas. Um cálculo básico que fazemos é:

**1 militante orgânico = 5 apoios**

### **Compromisso militante**

Uma das características do anarquismo é sua diversidade e diferentes áreas de abrangência. O anarquismo tanto é uma ideologia revolucionária (assim nós o entendemos), como também é uma corrente do pensamento, da filosofia, um modo de vida e comportamento e diversos outros cortes. Reconhecemos esta diversidade e a assumimos como benéfica - recusando todos os tipos de sectarismos que possam surgir. Queremos que todas as correntes do anarquismo convivam em harmonia, respeitando-se mutuamente e sempre que possível trabalhando em conjunto.

Mas, como força política organizada dos anarquistas, sabemos do nível de compromisso militante necessário para participar da luta libertária junto da classe e povo de onde saímos. Não é tarefa fácil ajudar a libertar um povo e um continente há mais de 500 anos oprimido e massacrado.

Acentuamos como características para nossa militância a dedicação, compromisso, modéstia, sentido de grupo, vontade, auto-disciplina, solidariedade, profundidade político-ideológica, consequência, visão crítica, ética libertária, coerência, eficácia e realismo. Nenhum ser humano nasce pronto e acabado, mas sim afirmamos que pode e deve transformar-se. Nosso anarquismo, como já foi dito antes, é essencialmente combativo-coletivo-organizado-militante e popular. Para nós, a militância anarquista tem de estar profundamente inserta e identificada com o meio onde vive, usando uma expressão comum, como “peixe dentro d’água”. O compromisso nos leva a dedicar tempo e esforço de nossas vidas pessoais, acreditando que uma organização política (g-o e o-a) é também uma escola de vida e que o ser humano vive e se liberta lutando em coletivo contra seus opressores.

O g-o, como coletivo, pode e tem o direito de traçar as características que busca para seus membros. Os prováveis membros podem e tem o direito de se identificarem ou não com estas características. Não hierarquizamos com isso este ou aquele tipo de anarquismo. Afirmamos sim, aquilo que fazemos e queremos

para lutarmos como filhos do povo!

Todo coletivo ou grupo humano necessita de tempo de trabalho em conjunto para se conhecer, e também para conhecer os novos membros. O mesmo com o indivíduo recém incorporado ao coletivo. Assim, indicamos que os novos membros tenham um tempo de experiência dentro do g-o (ex: 6 meses a 1 ano) e caso o coletivo e o novo membro se adequem um ao outro, este passa a ser um membro pleno com todos os direitos e deveres. Questões de experiência concreta e também de segurança nos levam a indicar este procedimento - confiamos no senso de responsabilidade e pragmatismo de nossa militância.

O g-o, como força política organizada anarquista, tem o direito e dever de chamar para si a responsabilidade de que cada vez mais, nossa ideologia torne-se instrumento e meio de libertação das classes oprimidas. Sobre este caminho escolhido e todas as suas conseqüências, está fundamentado nosso compromisso militante.

### **Nomes e símbolos - as cores da identidade**

O anarquismo sempre usou as cores negro e vermelha. Há um significado, sentimento e razão histórica para isso. O negro representa o luto e a luta contra esse sistema de exploração assassino e cruel. O vermelho, o sangue derramado pelos trabalhadores, pela classe e pelo povo em luta. Essas cores são nossas, representam a vida de milhões de companheiros e companheiras que tombaram de pé pela mais justa das causas. Nossa bandeira, contém uma história de lutas as quais temos a obrigação de seguir .

Muito da identidade anarquista está nas duas cores de nossa bandeira. A Construção e seus participantes tem o dever de torná-la viva, traduzindo e adequando seu significado para os dias atuais. Começamos isso com a mais simples das tarefas: o nome e o símbolo do grupo. Os g-o(s) e o-a(s) tem de ter nomes e siglas que aglutinem mais e mais pessoas dentro e ao redor do grupo/organização. O mesmo com nossos símbolos - e de preferência, estes nomes e símbolos identificados com a região onde o g-o se insere. Assim, repudiamos qualquer fantasia pseudo-revolucionária de nomes pomposos sem nenhum significado real. Afirmamos que um nome, símbolo e bandeira são um conceito representado, e este conceito é a continuidade da luta anarquista e popular.

Seguindo no tema da identidade, compreendemos a nós anarquistas como filhos do povo politizados e organicamente comprometidos com a libertação de nossa gente. Portanto, identificados com os costumes e hábitos dos povos brasileiros. Os anarquistas não podem ser bichos exóticos ou burocratas de plantão

falando um idioma que nenhum trabalhador entende. Temos de ser e falar como nossa gente, nos fazendo entender como os mais simples dos brasileiros.

O mesmo vale para a cultura popular. Esta cultura é nossa, ainda que diariamente violada e manipulada por esta elite nojenta a quem combatemos e por seus meios de comunicação. Sentimos como nossa gente, suas paixões e desilusões. Também não idolatramos as formas de cultura popular que ressaltam valores sexistas, de violência entre os pobres ou que estão a serviço de senhores e feitores modernos. Mas, assim como a terra, o trabalho e o destino, temos de retomar e coletivizar nossa cultura, expropriando-a da corja que a seqüestra e violenta todos os dias. Assim, também repudiamos qualquer corrente de esquerda que não respeite a cultura, folclore e manifestações artísticas de nossa gente, seja tratando-a com populismo ou elitismo.

Óbvio, não tem nada de libertário em ver banqueiros do bicho e multinacionais controlando o mundo do samba; palhaços fantasiados de “cowboys românticos” destroçando o interior, o sertão e sua música; nem em ver milhares de jovens de periferia se matando em jogos de futebol. Mas também não tem nada de socialista em, do alto de um pedestal, dizer: “Essas coisas não nos interessam.” Interessam sim! Queremos fazer da luta libertária também uma retomada de nossa cultura (que é negra, mestiça, cabocla, curiboca, sertaneja, imigrante, indígena, cafuza, regional e POPULAR), da ginga e alternativas de sobrevivência dos brasileiros (como a capoeira de Angola) e até do nosso jeito moleque e travesso de jogar bola.

Falando em moleque, temos uma figura de linguagem, uma representação para a militância anarquista. Antes que a violência urbana, o êxodo rural e as fábricas de brinquedos (cada vez mais caros e elitizados) chegassem aos níveis atuais, até umas duas gerações atrás, eram as crianças que produziam seus próprios brinquedos. Assim, usamos a figura do moleque e da moleca que joga pelada na rua ou na várzea, solta pipa, roda pião, usa atiradeira, anda de carrinho de rolimã e brinca com bola de gude. Este é o espírito que queremos para nossa militância e para os filhos do povo que estão sobrevivendo nas ruas e sendo massacrados pelos esquadrões da morte.

Como filhos deste povo massacrado lutando para ser moleque, lutamos para que a bandeira negra e vermelha, a ideologia anarquista e seus grupos/organizações, sejam também um resgate, ressurgimento e avanço da cultura popular dos trabalhadores e oprimidos brasileiros.

## **O longo prazo**

A busca de cada g-o é contribuir, através dos trabalhos concretos de militância de base, para o avanço de nossa ideologia posta a serviço das classes oprimidas. Buscamos também, reconhecer os próprios passos, aprender com a auto-crítica e

superar os erros do passado. Por quase 50 anos fomos a referência, o combustível e o motor do povo em luta nas cidades brasileiras. Sob orientação anarquista, o proletariado das fábricas tomava as cidades, expulsava a repressão, nossa imprensa circulava absoluta, geria os meios de produção e avançava nas conquistas operárias. A classe dominante tremia de pavor. Nos lares mais simples, os filhos do povo sorriam com garra e esperança quando tremulava a bandeira negra e vermelha. As pessoas comuns conheciam seu significado, carregavam nossas cores consigo forjando uma conduta popular de resistência e luta, a tão querida ética libertária.

Para nós, o anarquismo como movimento de massas não é um fenômeno do início do século XX e nem apenas da classe operária imigrante. É sim uma ideologia e força política viva. Queremos ter a serenidade da auto-crítica, sabemos que para o nível de penetração que tínhamos nesse período, para o grau de combatividade e organização a nível popular que havia, podíamos ter avançado muito mais. Muito mais longe que qualquer anarquista brasileiro hoje pode sequer imaginar. Nos faltou então, agilidade e adaptação às novas conjunturas que se apresentaram e justamente o que hoje buscamos construir: uma força política organizada dos anarquistas para impulsionar a luta libertária de massas que fazíamos. Tentativas foram feitas ao nível político, como os Comitês Operário ou Popular, Conselho de Greve e a mais duradoura tentativa, a Liga de Defesa do Povo. Mas infelizmente, não foi o bastante.

Queremos ser a continuidade do esforço e luta social de todos os brasileiros e de nossos companheiros anarquistas do princípio do século. Não foi fácil naquela época e não é fácil hoje. Temos como orientação a ética, dedicação, lucidez e espírito de generosidade destes companheiros. Citar nomes seria injustiça, pois todo companheiro/a é de igual importância.

Hoje não temos de organizar somente os operários, mas todos os segmentos populares que formam as classes oprimidas brasileiras. Nosso caminho é o de organizar-impulsionar-avançar as lutas populares de forma coordenada, dentro de um projeto político de longo prazo.

Este projeto, tem como objetivo construirmos uma forte e presente Organização Anarquista no Brasil e uma coordenação com nossas co-irmãs latino-americanas. Nesta caminhada fazemos, desde o aqui e o agora, de tudo para que a bandeira negra e vermelha seja sempre motivo de sorriso e garra nos rostos mais simples de nossa gente.

**Por estes sorrisos é que temos muito, muito para construir.**

**POR CADA COMPANHEIRO E COMPANHEIRA  
QUE TOMBOU COMBATENDO  
PELO SOCIALISMO E PELA LIBERDADE**

**NA LUTA COM OS OPRIMIDOS DO BRASIL E DA AMÉRICA LATINA**

**PELA CONSTRUÇÃO ANARQUISTA BRASILEIRA**

**LUTAR PARA ORGANIZAR  
ORGANIZAR PARA LUTAR**

**VIVA À ANARQUIA!!!**

**Por militantes do  
Processo de Construção Anarquista Brasileira 1996.**